

INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 4: DIVINDADE [1]

SUMÁRIO

1.	O DEBATIDO ASSUNTO DA DIVINDADE DE CRISTO.....	1
1.1.	A MODERNA TENDÊNCIA DE REJEITAR A DIVINDADE DE JESUS.....	2
1.2.	O QUE EXATAMENTE SIGNIFICA “DIVINDADE”?	4
1.3.	O TESTEMUNHO DO ANTIGO TESTAMENTO.....	4
1.4.	O TESTEMUNHO DOS RELATOS DOS EVANGELHOS.....	5
1.5.	OS TÍTULOS ATRIBUÍDOS A JESUS	8
1.6.	O TESTEMUNHO DO NOVO TESTAMENTO	10
1.6.1.	JESUS É O CRIADOR E MANTENEDOR.....	10
1.6.2.	JESUS É CHAMADO DEUS.....	10
1.6.2.1.	COLOSSENSES 2:9.....	12
1.6.2.2.	FILIPENSES 2:1-11	13
2.	JESUS É RELEVANTE HOJE?	16
2.1.	O QUE JESUS DISSE SOBRE DEUS?	17
2.2.	O QUE JESUS DISSE SOBRE NÓS?	18
2.3.	REBELIÃO CONTRA AS LEIS MORAIS DE DEUS?	19
2.4.	NOSSOS PECADOS NOS TÊM SEPARADO DO AMOR DE DEUS	19
2.5.	A SOLUÇÃO PERFEITA DE DEUS.....	20
2.6.	UM PRESENTE NÃO MERECIDO.....	21
2.7.	VOCÊ ESCOLHE O FINAL.....	22
3.	JESUS ESTÁ VOLTANDO?	24
3.1.	PROMESSA QUEBRADA?	24
3.2.	JESUS MANTEVE SUAS OUTRAS PROMESSAS?.....	25
3.3.	JESUS CUMPRIU PROFECIAS ANTIGAS?.....	25
3.4.	JESUS ESTAVA CERTO SOBRE JERUSALÉM?.....	26
3.5.	JESUS ESTEVE CERTO SOBRE SUA RESSURREIÇÃO?.....	26
3.6.	COMO SE PREPARAR PARA O RETORNO DE JESUS?	26
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
5.	REFERÊNCIAS.....	29

Nos três primeiros estágios deste estudo analisamos se vale a pena estudar a Bíblia, se ela é íntegra e se seu conteúdo é verdadeiro. Essas análises estabeleceram que **podemos crer na Bíblia**.

Apesar de já termos examinado a divindade de Cristo no terceiro estágio deste estudo (veracidade), este estágio do estudo tem um maior foco sobre as **modernas tendências que se afastam da aceitação de Jesus como Deus**.

Mesmo dentro de modernos círculos religiosos, entre aqueles que declaram aceitar a Bíblia como verdadeira, tem havido desacordo quanto à questão de Jesus ser Deus ou não. Há também a questão bíblica a respeito sobre o que Jesus renunciou quando veio à Terra. Alguns ensinam que Jesus era Deus enquanto estava no céu, porém, quando veio à Terra, despiu-se de sua divindade e se tornou nada mais do que um humano. Essas questões teológicas têm grandes implicações práticas.

Quase nenhuma pessoa educada nos dias de hoje duvida que Jesus viveu. Alguns o aceitam pela fé, outros pelo testemunho de cronistas antigos, tanto cristãos quanto romanos. (*“Time Online Edition”, October 30, 2002*).

1. O DEBATIDO ASSUNTO DA DIVINDADE DE CRISTO [2]

Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. Como diz a Escritura: “Todo o que nele confia jamais será envergonhado.” Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, porque “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (*Romanos 10:9-13, “Nova Versão Internacional”*).

Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” (Atos 2:38, “Nova Versão Internacional”).

É muito importante não confundir cicutá com salsa, mas acreditar ou não em Deus não é nada importante. (Denis Diderot).

Como posso retribuir ao SENHOR toda a sua bondade para comigo? Erguerei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR. Cumprirei para com o SENHOR os meus votos, na presença de todo o seu povo. (Salmo 116:12-14, “Nova Versão Internacional”).

A questão da divindade de Jesus Cristo, há muito tempo, tem sido um assunto debatido. Desde o tempo em que Jesus viveu na Terra, as pessoas têm tido vários pontos de vista a respeito dele. Alguns o chamaram de embusteiro (Mateus 27:63). Alguns disseram que ele desencaminhava as multidões. Outros disseram que ele era um bom homem (João 7:12). Alguns declaravam que ele era um dos profetas, como Elias ou Jeremias (Mateus 16:14). Seus discípulos confessaram sua fé de que ele era o Cristo, o Filho de Deus (Mateus 16:16).

Depois do primeiro século, ocorreram continuados debates sobre a natureza e a identidade de Jesus. “As controvérsias cristológicas do fim do segundo século e do início do terceiro foram assim uma parte da dialética interna da fé cristã” [3]. Para evitar os extremos do **adocionismo** (o qual considera que Jesus era um bom homem a quem Deus adotou como seu Filho) e do **modalismo** (o qual considera que Jesus era a mesma pessoa que o Pai que se manifestava em diferentes modos), “a solução ortodoxa foi afirmar ao mesmo tempo a unidade de Deus, a divindade de Cristo, e a distinção entre o Filho e o Pai” [4].

Devido aos esforços para tentar explicar tudo isso, as controvérsias “trinitárias” do quarto século nasceram. Ainda que sempre tenha havido dissidentes, a posição ortodoxa definida por diversos concílios que se conveniaram durante os próximos poucos séculos foi que Jesus era verdadeiramente Deus, e que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são personalidades distintas. Aqueles que negavam isso foram considerados “anátemas” [5]. Em tempos modernos, o debate não diminuiu. A “teologia liberal” do último par de séculos tem questionado o ponto de vista ortodoxo e tem tentado “redescobrir o Jesus histórico”. O resultado tem sido uma negação da divindade de Jesus nesta era moderna de ceticismo.

1.1. A MODERNA TENDÊNCIA DE REJEITAR A DIVINDADE DE JESUS

Robert L. Reymond escreveu sobre essa tendência moderna de rejeitar a divindade de Jesus:

Hoje em dia, pode-se encontrar evidência virtualmente em toda parte – em todos os continentes, tanto nos círculos católicos romanos como nos protestantes – que o que está teologicamente “na moda” é contender por um Jesus que era somente um homem por natureza e por uma Bíblia que virtualmente se silencia a respeito da clássica cristologia [o estudo sobre Cristo] da encarnação de um Cristo de dupla natureza – verdadeiro Deus e verdadeiro homem na única pessoa de Jesus Cristo. Está muito em voga acreditar que a melhor solução pode ser entender Jesus como somente um homem – um homem muito incomum, naturalmente, com uma missão especial de Deus – e explicar as atribuições bíblicas dirigidas a ele como qualidades divinas em outros termos não ontológicos [6].

Essa citação descreve com exatidão o pensamento religioso moderno daqueles que professam crer em Deus. Tanto estudiosos protestantes como católicos romanos estão ensinando que Jesus não era realmente Deus. Eles estão dizendo que ele nem mesmo declarou ser Deus, apesar de os discípulos terem atribuído divindade a ele, como verificamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Parte da razão de a tendência moderna ter estado afastada da crença na divindade de Jesus é devida à questão da confiabilidade das narrações do evangelho. A questão geral tem sido levantada sobre se os evangelhos, como os temos, são ou não verdadeiras representações da vida e das declarações de Jesus Cristo.

Rudolph Bultmann era um importante estudante liberal que questionou a crença na veracidade histórica das narrações do evangelho. A teologia de Bultmann estava baseada no conceito de que é necessário “demitologizar” as narrações. Isso significa que é preciso ficar por trás do que é dito para tentar achar o que é a “verdade real”, o que pode estar escondido em “algum lugar nas profundezas do ensinamento mítico”. Bultmann questionou a ideia de que Jesus tivesse uma consciência messiânica [7]. Ele apoiou o conceito que diz que pontos

de vista como esses sobre Jesus foram sobrepostos sobre ele por discípulos posteriores. Essa abordagem, basicamente, é agora adotada por um grande número de estudiosos. Bultmann assumiu que os relatos do evangelho são informação de segunda mão e que eles contêm tradições humanas sobre Jesus. A “forma de crítica” de Bultmann tornou o mundo teológico como uma tempestade no século vinte [8].

Talvez o mais significativo desenvolvimento na era moderna do entendimento bíblico seja a popularização de um “novo Jesus histórico” pelo Jesus Seminar. Esse seminário, realizado primeiramente em 1985 sob a liderança de Robert Funk, reuniu-se em várias ocasiões para chegar a conclusões a respeito de quem Jesus realmente foi e quais dos relatos do evangelho são suas palavras e declarações reais:

Poderia a fé ter feito com que os escritores de todos os quatro Evangelhos embelezassem o fato real? Teriam as políticas da igreja primitiva feito com que eles alterassem ou acrescentassem à história de Jesus? Quais partes do Novo Testamento poderiam ser relatos puros e não mitificações piedosas? [9].

O Jesus Seminar decidiu por meio de um sistema de votação que menos do que um quinto dos tradicionais ditos de Jesus são autênticos. Suas conclusões estão publicadas em uma obra chamada “The Five Gospels”. Suas conclusões têm recebido muita atenção dos meios de publicação, e a popularização de suas ideias parece que terá um forte impacto sobre a opinião pública nos anos vindouros. Ainda que não seja o objetivo deste estudo comentar sobre o Jesus Seminar, **o processo de votação sobre as palavras de Jesus por pessoas que estão quase dois mil anos afastadas dos eventos é, no mínimo, questionável.**

O ponto é que há um continuado esforço para redefinir o Jesus dos relatos dos evangelhos. Tudo isso parece realçado por uma tendência antissobrenatural e pela recusa em considerar os relatos dos evangelhos como documentos históricos por causa do tipo de material que eles contêm. Os membros do Jesus Seminar “chegam a conclusões baseadas em fé, frequentemente de sua própria criação” [10].

Gregory A. Boyd, um escritor conservador que tem devotado trabalho à crítica do revisionismo moderno (o movimento que deseja “revisar” o entendimento sobre Jesus), mostrou que ainda há boas razões para serem aceitos os relatos históricos dos evangelhos. Depois de analisar a evidência da confiabilidade do Evangelho de Marcos, ele observou o seguinte:

O Jesus sobrenatural do Evangelho de Marcos, naturalmente, é difícil de ser aceito por muitas pessoas do vigésimo século. Não é o tipo de retrato que se poderia esperar que um moderno aceitasse se não houvesse boa evidência a seu favor. Mas a evidência aí está. E, ao invés de ajustar a evidência para fazer Jesus mais palatável às sensibilidades do século vinte, parece mais razoável deixá-la intacta e simplesmente permitir que o enigma desse judeu do primeiro século confronte nossas sensibilidades do século vinte [11].

Como é o caso em muitos campos, a tendência de alguém é frequentemente o fator determinante de aceitar ou não Jesus como os relatos dos evangelhos o apresentam. Há sempre um outro lado das histórias que é popularizado nos meios de comunicação. Em qualquer caso, fé é envolvida no processo de aceitação:

Assim, se a pessoa mantém que Jesus era o Filho de Deus e foi levantado dos mortos, ou se a pessoa acredita que Jesus era um filósofo cínico cujo corpo foi finalmente devorado pelas bestas selvagens, fé é necessariamente envolvida [12].

Há muita especulação e pouca evidência objetiva existente da parte de muitos revisionistas (aqueles que desejam “revisar” o entendimento sobre Jesus). Em vez disso, a narrativa dos evangelhos é descartada e pedaços das Escrituras são embaralhados para revelar o “Jesus histórico” do próprio estudioso [13].

É mais razoável considerar os evangelhos à sua luz histórica. Eles declaram ter sido escritos e confirmados por testemunhas oculares (1 João 1:1-3; Lucas 1:1-4; 2 Pedro 1:16). Jesus foi visto, ouvido e seguido. Somente se fosse verdadeiramente demonstrado que esses escritores eram mentirosos, iludidos, ou de algum outro modo desacreditando-os, poderíamos assumir que os relatos dos evangelhos não são designados a ser entendidos historicamente. Porém, como temos estudado no terceiro estágio deste estudo (veracidade), está estabelecida a veracidade dos textos bíblicos.

A questão sobre se Jesus era ou não o Filho de Deus parece ser mais um assunto filosófico nesta era moderna. Muitos não creem nele simplesmente porque pensam que é tolice aceitar que um homem que viveu há dois mil anos antes do presente possa ser um salvador em uma era moderna. Alguns não aceitarão o conceito de ressurreição independentemente da quantidade de evidência apresentada. A própria Bíblia antecipou que muitos pensariam desse modo (1 Coríntios 1:18-25). No primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) abordamos a questão da suficiência das evidências.

Não obstante, milhares de cristãos deram suas vidas pela sua fé na ressurreição, inclusive aqueles que andaram com Jesus. Não há dúvida de que o levantamento de Jesus dos mortos pelo poder de Deus para uma nova vida foi uma convicção cristã primitiva [14]. Eles podem ter sido “tolos”, mas estavam convencidos e convictos. E mais, é lógico que essas pessoas que viveram com Jesus, e durante um curto tempo depois de Jesus, sabiam mais sobre a vida, os cenários e a época dele do que qualquer pessoa moderna saberia. Eles não podem ser desacreditados porque aceitaram Jesus como o Filho de Deus: seus atos baseados em suas convicções dão credibilidade a eles. Naturalmente, eles também tinham uma tendência, como todos têm, mas essa tendência realmente foi fundada em terreno sólido.

1.2. O QUE EXATAMENTE SIGNIFICA “DIVINDADE”?

Divindade é, geralmente, uma referência a um ser que está no estado de ser Deus. Ao dizer que um ser é “divino”, está sendo dito que esse ser possui a **natureza de Deus**, ou está no **estado de ser Deus**. Na Bíblia, a palavra grega *theos*, “Deus”, refere-se “ao ser supremo sobrenatural como criador e mantenedor do universo” [15]. A Bíblia se refere a Deus como aquele que “fez o mundo e tudo o que nele existe” (Atos 17:24). Palavras derivadas de *theos*, como *theotes*, se referem à “**natureza ou estado de ser Deus**” [16]. Essa é a ideia encontrada em [Colossenses 2:9](#), passagem que se refere a Jesus: “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”.

Quando se afirma que Jesus é divino, está sendo dito que Jesus possui características divinas. Antes, está sendo dito que ele é propriamente Deus, o ser supremo sobrenatural que criou e sustenta o universo.

No terceiro estágio deste estudo (veracidade), estudamos que Jesus possui a natureza de Deus e que a Bíblia ensina que ele é Deus. A “natureza” se refere aos atributos, características e qualidades que fazem de alguma coisa o que ela é. São os traços essenciais que pertencem a alguma coisa. Se alguém é desprovido desses traços essenciais de divindade, essa pessoa não é Deus. Gálatas 4:8 se refere àqueles “que, por natureza, não são deuses”. Essas pessoas tinham adorado alguma coisa que não era Deus – esses ídolos não continham a essência da divindade. Conquanto seja impossível definir todos os atributos essenciais de Deus, algumas das características específicas que se ajustam dentro dessa categoria incluem a onipotência e a eternidade. Somente Deus é todo-poderoso e eterno, isto é, ele não teve princípio e não tem fim. Qualquer ser que possua essa característica seria certamente considerado divino. E esses atributos são atribuídos a Jesus Cristo na Bíblia, conforme estabelecido no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

1.3. O TESTEMUNHO DO ANTIGO TESTAMENTO

Para se demonstrar que Jesus é o Messias, é comum ir ao Antigo Testamento para considerar as muitas profecias e alusões (mais de 300) a respeito do Messias. Depois, mostra-se no Novo Testamento como Jesus cumpriu essas profecias. Algumas dessas profecias incluem referências ao Messias como sendo divindade. Estudamos sobre isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade).

Isaías 9:6 se refere ao Messias como “Deus Poderoso” (*El Gibbor*). Em Jeremias 32:18, o nome de “Deus Poderoso” é identificado como “SENHOR (*Yahweh*) dos exércitos”. Alguns têm argumentado que “Deus Poderoso” não é o mesmo que “Deus Todo-Poderoso” e, portanto, Jesus não era realmente *Yahweh*. Jeremias respondeu essa questão. O “Deus Poderoso” é “*Yahweh* dos exércitos”.

“*Yahweh*” (“Jeová” ou “Javé”) é usado cerca de 6.800 vezes no Antigo Testamento. É o nome mais precioso para Deus. “Jesus”, como abreviação de “*Jehoshua*” ou “*Yehoshua*”, significa “*Yahweh*, o Salvador”. Para seus pais terrestres foi dada a mensagem que seu filho se chamaria “Jesus” (Mateus 1:21). Isso não foi acidental. A Bíblia de fato ensina que Jesus era *Yahweh* feito carne (João 1:1,14). Considere as seguintes ligações bíblicas:

1. Isaías 8:13-14 se refere a *Yahweh* como aquele que se tornaria uma pedra de tropeço e uma rocha de ofensa. O Novo Testamento aplica isso a Jesus em 1 Pedro 2:8.
2. Isaías 40:3 fala daquele que viria adiante de *Yahweh* no deserto. Isso é aplicado a João Batista quando preparava o caminho para Jesus, o Cristo (Mateus 3:3; Lucas 1:76; João 3:28).
3. Em Isaías 42:8, *Yahweh* fala da glória que pertence somente a ele, e que ela não seria dada a outro. Jesus pregou sobre a glória que ele partilhava com o Pai antes que houvesse mundo (João 17:5). Em Isaías 6 é relatada uma visão na qual Isaías viu *Yahweh* sentado em seu trono. João 12:36-41 registra que afirmações feitas por Isaías foram pronunciadas “porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele”. No contexto, isso é claramente uma referência a Jesus. Isso liga Jesus a *Yahweh*.
4. Isaías 44:6 faz uma afirmação clara a respeito de *Yahweh*: “Eu sou o primeiro e eu sou o último; além de mim não há Deus”. Seria lógico que alguém que declarasse isso teria que ser Deus, ou teria que ser um mentiroso. O Novo Testamento atribui essa mesma expressão, “o primeiro e o último”, a Jesus (Apocalipse 1:17-18; 2:8; 22:13-16). Essas referências ensinam que Jesus é *Yahweh*.
5. Salmo 102 começa uma oração a *Yahweh*. Uma parte dessa mesma oração é aplicada a Jesus em Hebreus 1:10-12. Seria difícil conciliar como uma oração (ou mesmo uma parte de uma oração) feita a *Yahweh* pudesse ser assim aplicada a alguém que não é Deus.

Essas e outras referências demonstradas no terceiro estágio deste estudo (veracidade), tomadas juntas, fornecem um apoio muito forte para a divindade de Cristo sendo ensinada pelo Antigo Testamento. Não parece ser por acidente que tais ligações estão feitas entre os dois testamentos. Jesus não estava vindo à Terra para ser apenas outro homem – ele estava vindo para ser o salvador do mundo. Definitivamente, somente o próprio Deus poderia preencher esse papel.

1.4. O TESTEMUNHO DOS RELATOS DOS EVANGELHOS

Os relatos dos evangelhos não fornecem biografias completas da vida de Jesus. Eles, contudo, dão eventos relevantes, atos, declarações e ensinamentos de Jesus enquanto ele viveu na Terra. Portanto, é apropriado considerar o testemunho desses registros.

Nem todos os registros dão o mesmo destaque aos atos e ensinamentos. Cada evangelho foi escrito com um propósito pretendido e para uma audiência especial. Diferentes ângulos são considerados nos ensinamentos de Jesus, e diferentes fatos são enfatizados. Vamos considerar:

1. **As declarações de Jesus.**
2. **As obras de Jesus.**
3. **A aceitação de adoração.**
4. **A ressurreição.**

As declarações de Jesus. Conquanto Jesus não tenha feito nenhuma declaração explícita de que era Deus, ele de fato fez declarações que definitivamente o identificavam como Deus. Tomadas em conjunto, elas apoiam o entendimento de Jesus sobre si mesmo: ele é Deus.

- **Jesus declarou ter uma relação inigualável com o Pai.** Ele não declarou apenas crer ou amar a Deus. Ele declarou que ele e o Pai eram um (João 10:30). Ele não se referiu a si mesmo como um filho de Deus, mas o Filho de Deus. João 5:17-18 registra uma ocasião quando Jesus tinha feito um milagre justamente no sábado. Ele disse aos judeus: “Meu Pai continua trabalhando até hoje, e eu também estou trabalhando”. Isso enfureceu os judeus, por isso “mais ainda queriam matá-lo, pois não somente estava violando o sábado, mas também estava dizendo que Deus era seu próprio Pai, igualando-se a Deus”.

Eles entenderam que Jesus estava alegando ter uma relação com o Pai em um sentido incomparável, e creram que isso era blasfêmia, pois ele estava “igualando-se a Deus”;

- **Jesus declarava ter autoridade para perdoar pecados.** Marcos 2 registra quando Jesus, confrontado com um homem paraplégico, simplesmente disse: “Filho, os seus pecados estão perdoados”. Os judeus pensaram que isso era errado, pois ninguém “pode perdoar pecados, a não ser somente Deus”. De modo a provar que ele tinha autoridade para perdoar, Jesus curou o homem. O direito a perdoar pecados é um direito divino.
- **Jesus se declarou sem pecado** (João 8:29,46; 18:23). Outras passagens bíblicas apoiam essa declaração (Hebreus 4:15), a qual põe Jesus em nítido contraste com todos os outros, pois pecaram (Romanos 3:23).
- **Jesus declarou ter autoridade para julgar o mundo** (João 5:25-27). Ele disse que suas palavras vão julgar no último dia (João 12:48). Ou ele se entendia como Deus, ou era o homem mais convencido e arrogante que já existiu.
- **Jesus declarou falar as próprias palavras de Deus.** Ele disse: “minhas palavras jamais passarão” (Mateus 24:35). Ele colocou suas próprias palavras em igualdade com as palavras de Deus.
- **Ele declarou ser o único caminho para a salvação.** Ele disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (João 14:6). Não é possível estar em uma posição neutra diante de uma declaração como essa. Ela é estreita e exclusiva. Mais tarde, os apóstolos testemunharam que não há outro nome dado pelo qual podemos ser salvos (Atos 4:12). Se não fosse assim, a Bíblia estaria afirmando salvação por meio de alguém que não tem direito de declarar ser o único caminho até Deus.
- **Ele declarou ser o autor e doador da vida.** “Pois, da mesma forma que o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, o Filho também dá vida a quem ele quer” (João 5:21). Ele chamou a si mesmo de o “pão da vida” (João 6:48) e de a “ressurreição e a vida” (João 11:25).
- **Jesus exigiu a mais alta lealdade da humanidade.** Ele disse que seus seguidores têm que negar a si mesmos e segui-lo (Lucas 9:23). Ele disse a seus seguidores que eles têm que amá-lo acima de tudo o mais, incluindo membros da família (Lucas 14:26; Mateus 10:34-39). Se Jesus não pensasse que ele era Deus, o que mais poderia ele estar pensando?
- **Ele declarou cumprir todas as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias** (Lucas 24:44). Considerando a quantidade de profecias sobre o Messias, essa é uma admirável declaração. Uma vez que o Antigo Testamento liga o Messias a *Yahweh*, então a declaração de Jesus de ser o Messias é também uma declaração de divindade.
- **Jesus declarou ser Deus.** Ao falar aos judeus sobre Abraão, Jesus disse: “Eu afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!” (João 8:58). Isso levaria os judeus de volta ao tempo quando *Yahweh* falou a Moisés na sarça ardente declarando ser “Eu Sou o que Sou” (Êxodo 3:14). Por causa dessa declaração os judeus pegaram pedras para atirar em Jesus, pois eles sabiam sobre as implicações. Nessa afirmação, Jesus estava declarando existência eterna e autossuficiência. Se ele não fosse Deus, então isso realmente seria blasfêmia.

Essas declarações demonstram o ensinamento bíblico de que Jesus tinha uma consciência messiânica e divina. **Rejeitar todas elas como sendo sobrepostas a Jesus por discípulos posteriores não é consistente com a evidência, e retrata os discípulos posteriores como sendo tão espertos e fraudulentos que se torna difícil imaginar.** Essas declarações são sutis, ainda que fortes. Tomadas em conjunto, elas argumentam que Jesus declarou ser Deus.

As obras de Jesus. Não era suficiente para Jesus fazer declarações espetaculares. Ele precisava evidenciar o que dizia. Esse era o propósito das obras dele. Em João 5, Jesus afirmou que seu próprio testemunho, por si só, não seria válido. Ele se defendeu apelando para outros testemunhos. Um desses testemunhos são as obras que ele

realizava: “a própria obra que o Pai me deu para concluir, e que estou realizando, testemunha que o Pai me enviou” (João 5:36). Nicodemos tinha vindo antes a Jesus e disse: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais milagrosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele” (João 3:2). Mais tarde, Jesus disse aos judeus: “Se eu não realizo as obras do meu Pai, não creiam em mim. Mas, se as realizo, mesmo que não creiam em mim, creiam nas obras, para que possam saber e entender que o Pai está em mim, e eu no Pai” (João 10:37-38). João 20:30-31 afirma que as obras que Jesus fez tinham a intenção de acender a fé naqueles que sabiam delas. Pedro disse a alguns judeus no Pentecostes que Jesus “foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem” (Atos 2:22). **É impossível separar Jesus de suas atividades. Os milagres e as obras que Jesus fez são inseparavelmente ligados com sua vida na Terra, e não podem ser rejeitados simplesmente por serem milagrosos.**

Jesus fez diferentes tipos de milagres, mas podem todos ser classificados em três categorias: milagres sobre a natureza (por exemplo, acalmando a tempestade), milagres de curas físicas (por exemplo, curando o homem paralisado) e milagres de ressurreição (por exemplo, ressuscitando Lázaro). Houve muitas testemunhas da maioria desses milagres. Mesmo os inimigos de Jesus os admitiram. O ponto aqui é que a Bíblia ensina que **Jesus operou milagres de modo a apoiar suas declarações**. Portanto, o que quer que seja que Jesus declarou, de acordo com a Bíblia, foi provado por suas obras. **Uma vez que suas declarações implicam, direta ou indiretamente, que ele é Deus, então as obras que ele fez verificam isso.**

A aceitação de adoração. Outra importante prova bíblica da divindade de Jesus é sua aceitação de adoração. A Bíblia ensina que o único que deve ser adorado é Deus. O próprio Jesus reconheceu isso (Mateus 4:10). Conquanto seja possível para alguém que não seja Deus aceitar adoração, a aceitação de adoração da parte de Jesus mostra, pelo menos, que ele pensava ser divino. Muitos exemplos disso são dados nos relatos dos evangelhos (conforme Mateus 8:2; 9:18; 14:33; 28:9,17). Merecem observação especial três passagens do Novo Testamento ligadas com isso:

- **João 5:23:** Jesus afirmou que todos deverão honrar o Filho (Jesus) exatamente assim como ele honrava o Pai. Se ele não pensasse que era Deus seria culpado de blasfêmia. Essa afirmação sozinha demonstra o ensinamento bíblico da divindade de Jesus. Para que alguém declare que merece a mesma honra que o Pai, teria que ser Deus ou teria que ser um mentiroso;
- **João 20:28:** depois de sua ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos. Tomé não estava presente no primeiro aparecimento e duvidou que Jesus tivesse realmente sido visto. Quando Jesus apareceu novamente, Tomé o viu e fez a seguinte afirmação direcionada a Jesus: “Senhor meu e Deus meu!” Não há indicação de que Jesus tentou corrigir isso. Jesus aceitou essa adoração, assim como a referência à sua divindade. De fato, ele respondeu a Tomé: “Porque me viu, você creu?” (João 20:29);
- **Hebreus 1:6:** referindo-se a Jesus, o texto diz: “Todos os anjos de Deus o adorem”. Essa instrução é dada pelo Pai. A Bíblia mostra que os anjos sabiam que o único que poderiam adorar era Deus (Apocalipse 19:10). Se Deus disse a eles para adorar Jesus, então essa é uma clara implicação do ensinamento de que Jesus é Deus.

A ressurreição. Se há um evento no qual todo o ensinamento bíblico repousa, é a ressurreição. Examinamos isso no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Pela ressurreição, Jesus foi “declarado Filho de Deus com poder” (Romanos 1:4). Esse é o único milagre na Bíblia que, se historicamente verdadeiro, valida a possibilidade de todos os outros milagres e a história como registrada na Bíblia. Por essa razão é uma das questões mais acaloradamente debatidas. Os revisionistas têm buscado várias explicações para o corpo de Cristo desaparecido do túmulo. “A ressurreição é excluída a priori do tribunal porque ela transcende tempo e espaço. Os historiadores têm então que arranjar outra razão para explicar as origens do cristianismo” [17]. Um estudioso do Novo Testamento argumentou que a ressurreição é uma “fórmula vazia” que precisa ser rejeitada por alguém que tenha um “ponto de vista científico” [18]. Assim, alguns, como Crossan, argumentam que o corpo de Jesus foi devorado por cães selvagens. Outros dizem que ele apenas pareceu estar morto. Outros argumentam que seu corpo apodreceu no túmulo e que os discípulos foram à sepultura errada. Outros argumentam que os aparecimentos de Jesus foram somente experiências psicológicas, “um êxtase em massa”. Estudamos sobre esses argumentos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). É interessante que, na busca pelo “Jesus histórico”,

estudiosos especulam sobre essas coisas para as quais não há evidência histórica concreta, objetiva. Ainda assim, esperam que esqueçamos a evidência bíblica e aceitemos as especulações.

Contudo, como muitos outros argumentam, há forte evidência histórica para a declaração de Jesus de ser o Messias e para sua ressurreição corporal [19]. **O descarte definitivo da evidência bíblica por causa da suposição de que milagres como a ressurreição não poderiam ter ocorrido reflete falta de investigação honesta de matérias históricas.** Testemunhas oculares declaram ter visto Jesus vivo depois que ele tinha morrido. O corpo tinha sumido do túmulo depois do sepultamento, e “nenhuma explicação natural convincente está disponível para responder por esse fato” [20]. Na verdade, qualquer outra explicação envolverá necessariamente especulação, pois não há nenhuma evidência crível que responda pelos fatos de outra maneira. Se alguém quer buscar o “Jesus histórico”, os registros dos evangelhos têm que ser trazidos para testemunho, pois não há “nenhum dado novo sobre a pessoa de Jesus desde que os evangelhos foram escritos” [21].

A evidência histórica é suficientemente abundante para convencer o investigador de mente aberta. Por analogia com qualquer outro evento histórico, a ressurreição tem evidência eminentemente crível. Para desacreditá-la, é necessário deliberadamente fazer exceção às regras que são usadas em toda parte na história. Agora, por que alguém haveria de querer fazer isso? [22].

A ressurreição atesta a identidade de Jesus. Ela declara, com poder, que Jesus foi o Filho de Deus (Romanos 1:4). A Bíblia usa a ressurreição para reforçar a crença em Jesus como o Filho de Deus. Os discípulos que estavam grandemente desalentados com a morte de Jesus se tornaram convencidos de que ele se levantou e se mostraram, subsequentemente, dispostos a morrer para pregar isso. De todos os milagres e notáveis eventos registrados na Bíblia, a ressurreição é o mais significativo. Se ela não aconteceu, então aqueles que dedicam suas vidas a Jesus fazem-no em vão (1 Coríntios 15:12-19). Se ela, de fato, aconteceu, “válida sua declaração de ser divino e não meramente humano, pois a ressurreição da morte está além do poder humano, e sua divindade convalida a verdade de tudo o mais que ele disse, pois Deus não pode mentir” [23].

1.5. OS TÍTULOS ATRIBUÍDOS A JESUS

Jesus se referiu a si mesmo por vários títulos e outros escritores do Novo Testamento se referiram a ele por várias descrições. Essas referências a Jesus demonstram uma alta cristologia na Bíblia. Elas mostram tanto a concepção que Jesus fez de si mesmo quanto os pontos de vista de outros sobre ele. Discutiremos quatro importantes e debatidos títulos, bem como descrições que foram usadas para Jesus tanto nos relatos dos evangelhos quanto nas epístolas:

1. **Filho de Deus.**
2. **Filho do Homem.**
3. **Primogênito.**
4. **Unigênito.**

Filho de Deus. A Bíblia se refere frequentemente a Jesus como o Filho de Deus. Jesus de fato falou de tal modo que apoia seu entendimento de que ele era o Filho de Deus (João 5:17-19). Alguns tomaram a expressão “Filho de Deus” como significando que Jesus era o “descendente” de Deus. Ela é usada, então, para dizer que a Bíblia ensina que Jesus foi um ser criado. Contudo, a frase “filho de” é aberta para diferentes significados na Bíblia. Ela pode significar “descendente”, porém não necessariamente em todo contexto. Ela pode também ter o significado de identidade, isto é, aquele que compartilha da mesma natureza ou exibe as mesmas características que outro. Por exemplo, Jesus se referiu a Tiago e João como “filhos do trovão” (Marcos 3:17). Ele falou de “um filho de paz” (Lucas 10:6). Judas foi mencionado como o “filho da perdição” (João 17:12). Portanto, “filho de” nem sempre traz uma ideia física, literal, de “descendente”.

Com respeito a Jesus, Filho de Deus significa “aquele que tem as características essenciais e a natureza de Deus” [24]. Quando Jesus declarou ser o Filho de Deus, ele estava declarando ter uma relação inigualável com o Pai. Os judeus entenderam que Jesus quis dizer que ele era “igual a Deus” (João 5:17-18; 10:30-38). Assim, ao se

afirmar que Jesus é o Filho de Deus, está se afirmando que Jesus compartilhou da mesma natureza que o Pai. Ele é, em essência, “Deus o Filho”. Jesus é o Filho de Deus no sentido inigualável de que ele é uno com o Pai. Isso nada tem a ver com sua origem.

Filho do Homem. Jesus referiu a si mesmo frequentemente como o “Filho do Homem”. Isso é usado cerca de 82 vezes nos evangelhos. A primeira impressão que se tem do uso desse título é que ele identifica Jesus com a humanidade. A Bíblia ensina que Jesus era um humano real. “Filho do Homem” pode certamente implicar que Jesus compartilhava da natureza e caráter da humanidade. Parece, contudo, que isso não explica adequadamente a expressão. Jesus nunca teve que provar que ele era humano, isso era óbvio ao se olhar para ele. Esse uso do termo era uma autodesignação, mas parece haver mais do que isso. A evidência indica que a expressão “Filho do Homem” também era messiânica por natureza. O melhor apoio para isso pode ser dado pelas afirmações messiânicas em Daniel 7:13-14, onde o Messias é retratado como um “filho de homem”, ou figura de aparência humana, a quem é dado “domínio, glória e um reino”. Isso prepara o ambiente para o uso do título por Jesus.

Jesus usou a expressão “Filho do Homem” em diferentes situações. Primeiro, ele a usou para falar de si mesmo quando cumpria seu ministério na Terra (por exemplo: Mateus 8:20; 11:19). Segundo, ele usou a frase para falar de si mesmo como sofredor nas mãos dos homens, os quais o maltrataram e o executaram (por exemplo, Marcos 9:12,31; Lucas 24:7). Terceiro, ele a usou para se referir ao seu aparecimento em glória, como juiz supremo (por exemplo, Mateus 16:27; 25:31; João 5:27). Jesus é tanto o “servo sofredor” como o juiz de toda a Terra. Raymond observou:

Não pode haver dúvida, então, que todos os quatro evangelistas, quando interpretados corretamente, pretenderam que seus leitores entendessem que Jesus é o Salvador do homem nos papéis de servo sofredor, que veio tanto para “buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10), como “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:45; Mateus 20:28), bem como vinha como juiz e Rei escatológico [25].

Primogênito. A Bíblia se refere a Jesus como “primogênito” (Colossenses 1:15-18; Romanos 8:29). Esse termo também é aberto a um par de significados. Ele pode significar primogênito em termos de tempo (Gênesis 27:19; Êxodo 11:5; Lucas 2:7), sendo que, nesse sentido, se refere ao primeiro filho nascido em uma família. Alguns têm tomado esse significado e concluído que o uso da palavra “primogênito”, com referência a Jesus, significa que ele foi o primeiro ser criado. Contudo, isso não se mantém. O termo “primogênito” também é usado para representar posição superior. Por exemplo, a Bíblia fala de “primogênito da morte”, significando a doença mais fatal e mortal (Jó 18:13). Isaías 14:30 fala de “primogênitos dos pobres” como aqueles que mais precisam de auxílio. Outras passagens usam o termo desse modo (Êxodo 4:22; Jeremias 31:9; Salmo 89:27). Nesses casos, o termo “primogênito” significa “preeminente” ou “aquele que possui primazia”.

A respeito de Jesus, “primogênito” significa “aquele que é primeiro e preeminente sobre todos”. Jesus existia antes da criação e é superior à criação [26]. Ele é chamado “primogênito entre muitos irmãos”, o que se refere a posição, e não a tempo (Romanos 8:29). Ele é chamado o “primogênito dos mortos”, significando que ele foi o primeiro a ser ressurreto para nunca mais morrer (Apocalipse 1:5). Colossenses 1:15 deve ser entendido como significando que Jesus é preeminente sobre toda a criação porque ele mesmo é o criador:

A palavra enfatiza a preexistência e incomparabilidade de Cristo com sua superioridade sobre a criação. O termo não indica que Cristo foi uma criação ou um ser criado [27].

Portanto o título “primogênito” mostra uma alta cristologia. Jesus é superior a tudo. Isso demonstra ainda mais o ensinamento bíblico de que o próprio Jesus é Deus.

Unigênito. O termo “unigênito” (em grego *monogenes*) aparece cinco vezes com referência a Jesus (João 1:14,18; 3:16,18; 1 João 4:9). Novamente, isso nada tem a ver com a decisão sobre se Jesus é ou não um ser criado. É uma outra afirmação da posição ímpar mantida por Jesus. Em cada caso ela significa “único” ou “só”: “pertencente ao que é único no sentido de ser o único da mesma qualidade ou classe” [28]. Por essa razão, a Nova Versão Internacional explica em uma nota sobre João 3:16 que “unigênito” indica “único”. O mesmo termo é usado para Isaque como o “único” filho (Hebreus 11:17). Isso lança luz sobre o significado do termo. Isaque não era o “unigênito” de Abraão em sentido estrito, literal. Isaque também não era o filho primogênito em termos de tempo.

Contudo, Isaíque ocupou uma posição singular e superior como o “único” filho da promessa de Abraão. Por essa razão, Isaíque foi o **único filho de seu tipo**, e o termo pode ser usado adequadamente para ele. Isso é o que o termo significa com referência a Jesus. Ele foi o Filho único de Deus, o único de sua qualidade. É um título de posição, e não de origem.

Há outros termos aplicados a Jesus que são significantes. Por exemplo, Jesus é chamado “o resplendor da glória” de Deus e “a expressão exata de seu ser” (Hebreus 1:3). Jesus não era apenas um reflexo de Deus – a glória de Deus resplandecia por meio dele de tal modo que quando Jesus era visto, Deus era visto (conforme João 14:9-11). Esses termos não poderiam ser corretamente aplicados a alguém que fosse um homem comum. Se eles forem aplicados adequadamente, implicarão que Jesus é Deus. Todos esses termos tomados em conjunto demonstram a alta cristologia das Escrituras. **O ensinamento uniforme é que Jesus foi Deus manifestado em carne.**

1.6. O TESTEMUNHO DO NOVO TESTAMENTO [29]

O Novo Testamento possui textos mais específicos que se referem a Jesus como Deus e afirmam que ele é, de fato, o criador.

1.6.1. JESUS É O CRIADOR E MANTENEDOR

Apesar de alguns acreditarem que a Bíblia ensina que Jesus é um ser criado, há passagens que confirmam que ele não foi criado. Por exemplo, Miqueias 5:2 se refere ao Messias como tendo “passado distante, em tempos antigos” ou “desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Isaías 9:6 se refere ao Messias como o “Pai Eterno”. Isso não identifica Jesus como sendo a mesma pessoa que o Pai, mas o identifica como o criador, o originador. Ele é chamado “eterno”. Ainda que o Messias tenha nascido neste mundo sujeito ao tempo, sua existência como um ser não teve um início. Isso foi pelo menos uma parte da declaração que Jesus fez quando disse aos judeus: “Eu afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!” (João 8:58).

As Escrituras se referem a Jesus como o criador. Colossenses 1:15-16 fala de Jesus como o “primogênito sobre toda a criação”, o que significa que Jesus é **preeminente sobre a criação**. Por quê? Porque Colossenses 1:16 afirma que “nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos sejam soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele”. É evidente que se Jesus criou todas as coisas é porque ele está fora da categoria de seres criados. João 1:3 afirma: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito.” Se essa afirmação é verdadeira, então Jesus é o criador, não a criatura. Portanto, **de acordo com a Bíblia, Jesus é o Deus criador.**

As Escrituras também ensinam que **Jesus é o mantenedor de todas as coisas**. Voltando ao contexto de Jesus como criador, a Bíblia afirma que “Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste” (Colossenses 1:17). A expressão “subsiste” (a palavra grega *sunesteken*) indica “juntar ou manter junto algo em seu lugar próprio ou apropriado ou relação apropriada” [30]. “Todas as coisas são dependentes do Filho para sua continuação em existência” [31]. Isso ensina que Jesus é o sustentador do que ele criou. Hebreus 1:3 afirma que Jesus está “sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa”, o que descreve Jesus como aquele que faz todas as coisas continuarem. Assim, essas passagens ensinam que Jesus é aquele que preserva e sustenta todas as coisas. Elas implicam que Jesus é Deus, atribuindo a ele qualidades divinas.

1.6.2. JESUS É CHAMADO DEUS

Outras passagens são ainda mais explícitas na afirmação da divindade de Jesus. Ele é referido como Deus em diversos versículos específicos. Examinemos brevemente alguns deles.

João 1:1-18. João 1:1 afirma: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus.” Há três pontos afirmados nesse versículo: (1) a “Palavra”, ou o “Verbo”, já estava em existência quando o tempo e a criação começaram; (2) o Verbo estava sempre em comunicação com o Pai; e (3) o Verbo sempre participou da divindade. Aquele que é a “Palavra” estava “com Deus e era Deus”, ou “O Verbo era Deus”. Isso é uma declaração que afirma a natureza divina da “Palavra” ou “Verbo” (em grego *logos*). *Theos*, que aqui é *anarthrous* (substantivo usado sem o artigo), descreve a natureza do *logos* em vez de identificar sua pessoa. Jesus como o *logos* é **pessoalmente distinto do Pai, contudo é uno com o Pai em natureza** [32]. Nesse versículo, então, o Novo

Testamento está ensinando a respeito da divindade de Jesus. “Aqui, então, João identifica o Verbo como Deus (*totus deus*) e assim fazendo atribuir a ele a natureza ou essência da divindade” [33]. Isso não significa que deveria ser traduzido como “o Verbo era divino” como alguns têm feito. Que “o Verbo” é uma referência a Jesus é facilmente visto no contexto. O versículo 14 diz: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós.” O contexto identifica mais adiante a “Palavra” ou o “Verbo” como Jesus (João 1:15-17).

João 1:18 tem alguma dificuldade ligada a ele. A segunda parte do versículo, “o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido”, tem algumas variantes nos manuscritos gregos. A alternativa mais notável é “o Filho unigênito”. Como foi explicado antes, [o termo “unigênito” se refere à unicidade](#) (uno e único). A maioria dos críticos, contudo, “concorda que *monogenes theos* era o escrito original” [34]. Raymond indica: “O respeitável crítico textual precisa admitir que a evidência aponta muito decisivamente em favor de um *theos* original” [35]. Parece que há uma pequena dúvida, em termos da evidência dos manuscritos, sobre o uso da expressão que significa “uno e único Deus”. Se for o sentido original, seria então outra instância de ensinamento a respeito da divindade de Jesus. Contudo, uma vez que essa passagem tem em si alguma ambiguidade, seria difícil basear um caso inteiro nela. Em ambos os casos, ela não contradiz o resto do testemunho do Novo Testamento da divindade de Jesus.

João 20:28. A Bíblia registra que, depois que Jesus se levantou dentre os mortos e apareceu aos seus discípulos pela primeira vez, Tomé não estava presente. Quando ouviu que Jesus foi visto, Tomé duvidou e disse que teria que vê-lo por si mesmo para que cresse. Jesus apareceu aos discípulos novamente e, quando Tomé foi convencido, respondeu a Jesus: “Senhor meu e Deus meu!” Alguns têm tomado essa declaração como uma exclamação de louvor a Deus (não a Jesus). Contudo, o texto afirma que Tomé disse isso a Jesus. Tomé estava se dirigindo a Jesus como Senhor e Deus. Outros têm dito que essa foi uma exclamação em um momento de excitação. Contudo, não há registro de uma repreensão da parte de Jesus. Ele aceitou essa declaração e a levou a um passo adiante: “Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram” (João 20:29). Isso se torna a base para a declaração de João sobre o motivo para ele ter escrito o livro (João 20:30-31). “Não pode haver dúvida de que Jesus dê evidência aqui, por sua aceitação expressa da apreciação dele por Tomé, que ele era em seu próprio entendimento seu Senhor para ser servido e seu Deus para ser adorado” [36]. “Em nenhum outro lugar no Novo Testamento Jesus é identificado mais claramente como Deus” [37]. Essa declaração de Tomé, como está, é por si mesma um tremendo testemunho do ensinamento do Novo Testamento da divindade de Jesus.

Romanos 9:5. Paulo escreveu a respeito dos israelitas: “Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre!” Ainda que alguns tenham tentado fazer a expressão “Deus bendito para sempre” ser separada do contexto como uma doxologia dirigida ao Pai, “é muito mais natural considerar as palavras finais do versículo como uma descrição ou doxologia do Messias, Jesus Cristo” [38]. Essa passagem, na sua leitura mais natural do texto grego, atribui plena divindade a Jesus Cristo. Ele permanece como o Senhor e dominador do universo e merece pleno louvor. O argumento de Paulo nesse contexto é que, ainda que muitos companheiros israelitas tenham rejeitado Jesus como o Messias, Jesus é, realmente, supremo sobre o universo e, como Deus, merece ser servido e louvado. Nenhuma cristologia mais alta pode ser encontrada.

Tito 2:13 e 2 Pedro 1:1. Essas duas passagens podem ser consideradas juntas por causa da idêntica expressão “Deus e Salvador” (*theou kai soterou*). Em ambas as passagens, “Jesus Cristo” é o objeto da expressão. Alguns argumentam que “Salvador” se aplica a Jesus e “Deus” é uma referência ao Pai: “Deus (o Pai) e Salvador Jesus Cristo”. Contudo, isso não é apoiado pela construção grega. Essa expressão é aplicada a uma pessoa: Jesus Cristo. Primeiro, essa é a leitura mais natural do texto. Segundo, os dois nomes estão sob um artigo, o qual precede “Deus”. Isso indica que eles têm que ser construídos juntos, não separadamente. E mais, essa expressão foi uma fórmula comum e sempre denotou uma divindade, não duas pessoas separadas. Quando ambos Paulo e Pedro usaram a expressão, “seus leitores sempre a entenderiam como uma referência a uma só pessoa, Jesus Cristo. Simplesmente não ocorreria a eles que ‘Deus’ pudesse significar o Pai, com Jesus Cristo como o ‘Salvador’” [39]. Isso tudo significa que Pedro e Paulo entenderam que Jesus era tanto Deus quanto Salvador.

Hebreus 1:8. Em Hebreus 1 há um contraste entre o Filho e os seres angelicais. Isso mostra a superioridade do Filho sobre os anjos. Para defender esse ponto é feito o argumento de que Jesus é o único Filho (Hebreus 1:5). Ele tem que ser adorado até mesmo pelos anjos (Hebreus 1:6). Então, no versículo 8, o próprio Pai chama Jesus Deus: “Mas a respeito do Filho, diz: ‘O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro

do teu Reino.” Ainda que haja alguma controvérsia envolvendo se “ó Deus” é ou não para ser construído vocativamente (como na maioria das traduções) ou como um nominativo (“Deus é teu trono”) ou como predicado nominativo (“teu trono é Deus”), a avassaladora maioria dos gramáticos, comentaristas, autores de estudos gerais e traduções para o inglês dão força a esse vocativo [40]. Na passagem da qual isso é tirado (Salmo 45:6), o vocativo é visível. Os versículos 10 e 11 são ligados aos versículos 8 e 9 pela conjunção *kay*, a qual indica que esses versículos caem sob a mesma introdução que os versículos 8-9. No versículo 10, Jesus é saudado como “Senhor”, o que também o liga com *Yahweh* (Salmo 102). Isso fortalece a decisão para a expressão “ó Deus” ser entendida vocativamente no versículo 8. Isso significa que o Filho é saudado como Deus nesses versículos em um sentido ontológico (isto é, como um ser).

A consideração das passagens acima mostra que **o Novo Testamento atribui consistentemente divindade a Jesus Cristo**. Pelo menos quatro escritores – João, Paulo, Pedro e o autor do Livro de Hebreus – usam o título “Deus” com referência a Jesus. O uso desse título foi primitivo, começando pouco tempo depois da ressurreição (Tomé) e continuando até o final do primeiro século. Os escritos, dirigidos a várias pessoas, foram espalhados através de várias regiões, incluindo a Grécia, a Judeia e Roma. Entre o título de Deus aplicado a Jesus, as declarações de Jesus e o restante das Escrituras que implicam em sua divindade, **o Novo Testamento está repleto de ensinamento sobre Jesus sendo Deus**. Se a pessoa deseja ou não aceitar isso, é outro assunto. **Se a pessoa aceita a Bíblia como verdade, então ela precisa também aceitar que Jesus é Deus**.

Eu disse que vocês morrerão em seus pecados. **Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados.** (João 8:24, “Nova Versão Internacional”).

Há duas passagens que ainda não foram consideradas, e ambas possuem ponto de vista significativo sobre o ensinamento do Novo Testamento a respeito da divindade de Jesus. São elas [Colossenses 2:9](#) e [Filipenses 2:1-11](#). Essas passagens merecem consideração especial.

1.6.2.1. COLOSSENSES 2:9

Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, (*Colossenses 2:9*, “Nova Versão Internacional”).

Esse versículo único “além de todos os outros no Novo Testamento, afirma que cada atributo divino é encontrado em Jesus” [41]. Ele não diz que “muita” ou “alguma” divindade mora nele, mas a “plenitude da divindade”. Todo elemento que existe como divindade está em Cristo.

Nesse contexto, Paulo fala de “filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas” e “princípios elementares deste mundo” como sendo contrários a Cristo (Colossenses 2:8). A afirmação no versículo 9, “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”, foi feita para se contrapor a essas vãs filosofias e dar uma fundação sobre a qual se pode ser completo em Cristo. Uma das filosofias das quais os escritores do Novo Testamento se oporam foi a doutrina gnóstica, a qual negava que Deus poderia realmente vir em carne. Os gnósticos acreditavam que a matéria era inerentemente má e, a partir disso, raciocinavam que Deus não poderia morar em um corpo carnal. João abordou esse mesmo problema (1 João 4:2; 2 João 7). Os gnósticos ofereceram uma filosofia adicional. Paulo respondeu que Cristo é suficiente para fazer alguém completo porque nele está a plenitude da divindade, e ele está acima de tudo porque ele criou tudo.

Assim, Colossenses 2:9 afirma que a plenitude da divindade realmente estava em Cristo, não importa o que ensinem os filósofos gnósticos, ou quem quer que seja. Nada mais era necessário. Essa era a base sobre a qual os cristãos deveriam agir. “Por que seus leitores têm que ‘andar’ em Cristo para ‘ficar em guarda’ de modo que ninguém os faça cativos por meio da busca de conhecimento que procede da filosofia humana e da tradição?” [42]. A resposta está no versículo 9: porque “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”.

O termo “plenitude” (em grego *pleroma*) significa “quantidade total, com ênfase na totalidade” [43]. O termo “habita” (*katoikei*) indica o assentamento em um lugar fixo. É “estar em casa”. Vincent aponta que o tempo presente de “habita” denota “uma característica eterna e essencial do ser de Cristo. A moradia da plenitude divina nele é característica dele como Cristo, desde todas as eras até todas as eras” [44]. O que está permanentemente “em casa” em Cristo é a “totalidade” da divindade. A palavra “deidade” (*theotes*) é o mesmo que “divindade” em várias

traduções. O termo significa “a natureza ou estado de ser Deus” [45]. É isso que é Deus: **o estado de divindade**. Essa afirmação não está simplesmente dizendo que Jesus é Deus em sua pessoa, mas que ele é tudo o que é Deus. A natureza divina completa “está em casa” em Cristo.

Há dois significados compulsivos alternativos no termo “corporalmente” (*somatikos*) nesse contexto. O primeiro é que ele significa de fato “corporalmente”, isto é, uma referência ao corpo físico, humano, de Cristo: “A palavra refere-se ao corpo humano de Cristo” [46]. Tomada nesse sentido, é uma afirmação do conceito que **Jesus era plenamente Deus mesmo quando humano**. A plenitude da divindade se tornou encarnada. Ao vir a este mundo, não houve nenhuma mudança em sua divina natureza. Tudo o que ele é como Deus continuou a morar em sua forma corpórea. O segundo significado possível de “corporalmente” é “incorporado”, isto é, concentrado em uma forma visível, tangível. Nesse sentido, a ideia é que foi dada expressão completa à plenitude da divindade por meio de Jesus. Ele era “completamente” e “substancialmente” Deus e, portanto, plenamente incorporou a natureza divina. Isso inclui o tempo que Jesus passou na Terra, como a palavra “habita” indica. **Colossenses 2:9 mostra uma alta cristologia e ensina que Jesus é divino**.

1.6.2.2. FILIPENSES 2:1-11

Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:1-11, “Nova Versão Internacional”*).

Uma das passagens mais controversas da Bíblia é Filipenses 2:5-8. Muitas explicações têm sido fornecidas para essa passagem, e as diferenças de interpretação são significativas. O modo como se interpreta a passagem afeta o ponto de vista sobre Jesus Cristo. Foi ele sempre Deus? Se ele era Deus anteriormente à encarnação, ele reteve sua natureza divina quando veio à Terra? Se ele reteve sua divindade ao vir à Terra, o que significa quando se diz que ele “esvaziou-se”? Ele deixou sua divindade para ser exatamente um homem comum? Todas as questões como essas têm tremendas implicações. É preciso ser cuidadoso ao considerar uma passagem como essa, **evitando uma interpretação que não se ajuste bem com o restante do testemunho do Novo Testamento a respeito de Jesus**.

É provável que Filipenses 2:6-11 contenha, pelo menos em parte, um hino primitivo [47]. Há desacordo sobre se esse hino foi composição do próprio Paulo ou se foi escrito antes de Paulo, o qual simplesmente teria usado o hino para servir aos seus propósitos nessa epístola. Em qualquer caso, é difícil negar que foi um hino primitivo. Nesse texto estão as características estilísticas e hinárias, tais como paralelismo de pensamento, inversões, vocabulário incomum e estilo elevado [48]. Baseado em estudos anteriores de Lohmeyer, agora é geralmente aceito que “o que aqui vemos é uma confissão cristã primitiva que pertence à literatura de liturgia antes que prosa epistolar” [49]. Se isso for verdade, é um forte argumento para uma alta cristologia primitiva entre os cristãos do primeiro século. Mesmo que não fosse um hino, **ainda é evidência de que os cristãos primitivos tinham uma forte fé na divindade de Jesus**.

Esse é um texto em que as palavras são escolhidas muito cuidadosamente. Cada palavra parece significativa. Portanto, para interpretar o texto corretamente, as palavras precisam ser definidas e entendidas. Contudo, uma consideração do texto completo deve ser tomada. Sem considerações contextuais, o texto pode facilmente ser mal entendido e mal aplicado. Parece que isso tem sido uma parte do problema que tem levado a algumas das controvérsias.

Não parece provável que alguém entenda corretamente os versículos 5 a 8 sem primeiro entender os versículos 1 a 4. No todo, a carta de Paulo aos filipenses é muito positiva. O perigo que ameaçava a igreja, contudo, era a divisão. Esses versículos foram escritos para tentar salvaguardar os cristãos dali contra a desunião. No

versículo 1, Paulo apela para o encorajamento em Cristo, o poder do amor, a camaradagem e a necessidade de compaixão e afeição. Se um cristão entende e se empenha com essas coisas, então a unidade prevalecerá. Ele então apela para sua necessidade de ter “o mesmo modo de pensar” e “o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude” (versículo 2). Como isso pode ser feito? Ele responde nos versículos 3 e 4. Nesses versículos há três causas dadas para a desunião [50]: ambição egoísta, prestígio pessoal e a concentração em si mesmo. Para os propósitos de explicar os versículos 6 e 7 deve-se notar especialmente esses versículos, pois eles servem de fundamento para o argumento de Paulo a respeito de Jesus. Barclay observa:

Paulo está pleiteando com os filipenses para que eles vivam em harmonia, ponham de lado suas discórdias, deixem suas ambições pessoais e orgulho e desejo de proeminência e prestígio, e tenham em seus corações aquele desejo humilde e desprendido de servir, que foi a essência da vida de Cristo. Seu apelo final e irretorquível foi apontar para o exemplo de Jesus Cristo [51].

Com os pensamentos precedentes em mente, Paulo apela para Jesus Cristo como o exemplo definitivo de alguém que nada fez por egoísmo ou vã presunção. “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus” (Filipenses 2:5). Esse é o arremate final dos pontos de Paulo nos versículos 1 a 4: “aprendam a pensar exatamente como Jesus”. Isso também serve para introduzir o que Paulo está para dizer a respeito de Jesus. “Pensem como Jesus”, Paulo disse. O que Jesus pensou? O que ele fez para demonstrar sua desprentensiva atitude? Ele responde nos versículos seguintes.

O versículo 6 menciona Jesus como “sendo Deus” ou “existindo na forma de Deus”. O termo “sendo” ou “existindo” (*huparchon* em grego), como um particípio presente, denota continuação de uma condição antecedente. Em outras palavras, Jesus é e sempre tem sido “o ser igual a Deus” ou “em forma de Deus”. Isso descreve “aquilo que um homem é em sua própria essência e que não pode ser mudado, aquela parte de um homem que, em quaisquer circunstâncias, permanece o mesmo” [52]. Paulo começa afirmando que Jesus é inalteravelmente Deus. Seja o que for que Jesus esvaziou, não foi sua essência divina. Portanto, **qualquer posição que ensine que Jesus deixou sua divindade não está sendo fiel a esse texto.**

O significado de “o ser igual a Deus” ou “em forma de Deus” tem sido acaloradamente debatido. Martin forneceu dois significados alternativos para o termo “forma” (*morphe*) [53]. O primeiro é o entendimento mais tradicional e filosófico de que “forma de Deus” significa atributos essenciais de Deus. Um segundo ponto de vista, mais recente, é que a expressão tem uma forte ligação com a “glória” (*doxa*) de Deus: assim, Jesus deixou a glória da divindade, e não necessariamente a essência da divindade, quando veio para a Terra. Essa posição, contudo, parece carecer de prova. Outros consideram a “forma de Deus” como uma referência à aparência visível como Deus. Essa é outra posição insatisfatória, pois ela dificilmente pode significar a mesma coisa com referência à “forma de um servo”. Parece mais provável, contudo, que a “forma de Deus” seja uma referência à divina natureza, a qual inclui os atributos e características que fazem de Deus o que ele é, “que é inseparável de sua pessoa e que o ser divino se realiza em sua divina glória e atributos divinos imanescentes, inerentes” [54]. Warfield observou que a “forma de Deus” se refere a “todas aquelas qualidades características de Deus que fazem dele Deus, a presença das quais constitui Deus, e na ausência das quais Deus não existe. Aquele que está na forma de Deus é Deus” [55]. Isso também seria verdadeiro quanto à “forma de um servo”. Jesus assumiu todas as qualidades características de servidão. Dizer, então, que Jesus “existiu na forma de Deus” é dizer que Jesus tem sido sempre Deus, com todas as qualidades que pertencem a Deus.

A seguir, Paulo diz que Jesus “não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se”, ou “não considerou a igualdade com Deus uma coisa a ser agarrada”. Isso, também, tem dado alguma dificuldade à interpretação abrangente do texto. Alguns tomam isso como significando que Jesus não considerava sua divindade como algo a ser apegado e, portanto, ele a abandonou ao vir à Terra. Isso, contudo, contradiz o que Paulo tinha dito a respeito da natureza divina inalterável de Jesus. Primeiro, ele afirmou que Jesus de fato tem “igualdade com Deus”. Isso em si já é evidência do ensinamento bíblico da divindade de Jesus. Nada menos do que o próprio Deus pode “ser igual a Deus” ou ter “igualdade com Deus”. Mesmo enquanto estava na Terra, Jesus declarou igualdade com o Pai (João 5:17-23). Essa igualdade é em natureza, não necessariamente no papel desempenhado. Nesse papel, Jesus tomou uma posição subordinada (1 Coríntios 11:3). Em natureza, ele é igual ao Pai.

Teria Jesus considerado essa igualdade com Deus como algo a ser “agarrado”, ou como algo a ser “apegado”? Ambos os significados são possíveis com a palavra grega (*harpogmos*). Qual significado faz mais

sentido no contexto? “Qualquer que seja a forma em que tomemos isso, mais uma vez é ressaltada a divindade essencial de Jesus” [56].

Como explicado acima, não parece provável pelo contexto que isso signifique que Jesus gozou de igualdade com Deus, mas a dispensou quando se tornou um homem. Muitas outras passagens mostram que Jesus foi muito mais do que um homem. Parece mais provável que o significado seja que Jesus não se agarrou à igualdade com Deus por meio de algum exercício de sua própria vontade, separado do Pai. Diversos estudiosos veem nessa afirmação um paralelo com o relato, em Gênesis, da queda de Adão e Eva. Baseado na afirmação da serpente, “serás igual a Deus”, o pecado de Adão e Eva foi, em essência, uma tentativa de agarrar a divindade. Por meio do exercício de sua própria vontade, separados de Deus, eles tentaram se tornar seus próprios deuses. Jesus não fez isso. Antes, ele voluntariamente submeteu-se à vontade do Pai, ainda que ele pudesse ter sido tentado a fazer sua própria vontade (conforme João 5:30; Mateus 26:39). Reymond argumentou que essa afirmação deveria ser interpretada com a consideração do cenário de sua tentação em Mateus 4 [57]. Ele escreveu:

Esse “pensamento” de “apreensão de igualdade”, isto é, a tentação de não mais caminhar na trilha do servo, mas antes conseguir “o senhorio” sobre “todos os reinos deste mundo” (Mateus 4:8) por uma rota (um ato “rebelde” de “exaltação”) não mapeada para o servo no plano da salvação, Cristo Jesus resistiu firmemente [58].

Esse parece ser o ponto de vista correto porque se ajusta melhor ao contexto da passagem como um todo. Cristo não fez nada por egoísmo ou vã presunção. Com humildade, ele estimou os outros como se fossem melhores do que ele mesmo. Nenhum ato mostrou essa atitude mais do que sua disposição a morrer.

Ao contrário de buscar igualdade com o Pai por meio do exercício de sua própria vontade, Jesus “esvaziou-se”. Isso está no ponto crucial da discussão a respeito da natureza de Jesus na Terra. Um poucas observações podem ser feitas sobre isso à luz dos comentários anteriores e do contexto inteiro:

1. Qualquer posição que efetivamente comprometa a divindade de Jesus é errada, pois contradiria não somente a passagem, mas também um grande número de outras passagens que afirmam sua divindade. Esse é o efeito de uma posição que ensina que Jesus deixou seus atributos e características divinas ao se tornar homem. A natureza de uma coisa são os atributos e características que a tornam o que ela é. Se Jesus não tivesse a natureza de Deus, ele não seria Deus (conforme Gálatas 4:8).
2. O texto não diz que Jesus se esvaziou “de” alguma coisa. Acrescentar “de” ao texto e, então, enumerar tudo o que ele supostamente deixou para vir à Terra não é ser fiel ao texto. Isso é ler no texto o que ele não diz. Jesus “esvaziou-se”. Ele não se esvaziou “de” um punhado de coisas.
3. Insistir que “esvaziou-se” deve ser tomado literalmente para significar que Jesus teve que se despojar de alguma coisa para se encarnar como homem é um abuso do texto. Ele diz: “esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens”. O texto explica a si mesmo. A aceitação da servidão da parte de Cristo foi o ato de autoesvaziamento.
4. Uma boa comparação pode ser feita com Isaías 53:12, um texto que descreve o servo sofredor: “ele derramou sua vida até a morte”. Isso possui uma tocante semelhança com o “esvaziou-se” e o “humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz” de Filipenses 2:7-8. Como o servo sofredor, ele esvaziou-se, derramou-se até a morte.
5. Novamente, o próprio contexto de Filipenses 2 mostra o que significa a expressão “esvaziou-se”. O ponto de Paulo no texto é insistir com os irmãos filipenses para que sejam de um só sentimento, que sejam unidos e decididos por um único propósito (Filipenses 2:2). Para cumprir isso ele instrui: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros” (Filipenses 2:3-4). Para atingir isso, é necessário olhar para Jesus. Por quê? Porque ele é o exemplo perfeito dessas instruções. Ainda que ele mesmo seja Deus, enquanto esteve na Terra **ele não usou sua divindade como pretexto para exercer sua própria vontade independentemente da vontade do Pai**. Antes, ele “esvaziou-se”, que é a expressão perfeita para descrever a atitude dos versículos 3 e 4. Assim,

Jesus Cristo, em seu papel de servo, nada fez por egoísmo ou vã pretensão, mas em humildade de pensamento considerava os outros como mais importantes do que ele mesmo, ainda que ele seja Deus. Ele se interessava pelos interesses pessoais dos outros. Como ele fez isso? Em última instância, morrendo na cruz. Assim, o ponto de Paulo é que, como Jesus se esvaziou, assim todos temos que nos esvaziar. É simplesmente **outro modo de dizer que precisamos negar a nós mesmos** (Lucas 9:23), pois isso é o que Jesus fez quando cumpriu sua missão para o mundo perdido. Ele se pôs de parte para que tudo o que ele fez fosse desprendido de qualquer conotação egoísta. Marcos registrou isso deste modo: “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10:45). Essas passagens dizem a mesma coisa.

6. A ideia de que Jesus se esvaziou de atributos e características é completamente estranha ao argumento de Paulo. Ele aponta Jesus como nosso exemplo de auto-humilhação. Se Jesus tivesse se esvaziado de uma quantidade de atributos, então como poderíamos seguir seu exemplo? Não podemos nos despir de nossa natureza humana. A linha de raciocínio que Paulo usa para dizer que devemos ser altruístas se torna sem significado com uma interpretação como essa.
7. Muito simplesmente, então, o texto nos diz que devemos esvaziar-nos. Devemos negar a nós mesmos, não fazendo nada por egoísmo. Fazemos isso tomando a atitude de Jesus, o supremo exemplo de abnegação. Ele esvaziou-se. Como servo, ele se submeteu completamente ao Pai e derramou-se na morte. Depois disso, ele foi exaltado. Se nós, também, nos humilharmos do mesmo modo, Deus promete que seremos exaltados (Tiago 4:10). Esse é o ponto de toda essa passagem.

O texto ensina a divindade essencial de Jesus Cristo. Ensina que Jesus não fez nada por egoísmo e que ele é o exemplo supremo de abnegação. Ensina, ainda, uma cristologia extremamente alta. **O texto não ensina que ele alguma vez tivesse sido menos do que sempre foi: Deus.**

2. JESUS É RELEVANTE HOJE? [59]

Há diversos tipos de pensamentos sobre Jesus Cristo. Alguns acreditam que ele quer que nos tornemos religiosos ou que ele veio para tirar toda a diversão da vida e nos dar regras impossíveis de viver. Muitas pessoas estão dispostas a chamá-lo de um grande líder do passado, mas não creem que ele seja relevante para suas vidas hoje.

Josh McDowell era um estudante universitário que pensava que Jesus era apenas um outro líder religioso que definiu regras impossíveis de viver. Ele pensou que Jesus era totalmente irrelevante para sua vida. Então, um dia em uma mesa de almoço com estudantes, McDowell sentou ao lado de uma jovem aluna vibrante com um sorriso radiante. Intrigado, ele perguntou por que ela estava tão feliz. Sua resposta imediata foi: “Jesus Cristo!”

“Jesus Cristo?” – McDowell se arrepiou e respondeu. Então disse: “Oh, não me dê esse lixo. Estou farto de religião, estou farto de ir à igreja, estou farto da Bíblia. Não me dê esse lixo sobre religião.”

Mas a jovem imperturbável o informou calmamente: “Senhor, eu não disse religião, eu disse Jesus Cristo.”

McDowell estava atordoado. Ele nunca tinha considerado Jesus mais do que uma figura religiosa, e não queria tomar qualquer parte em hipocrisia religiosa. No entanto, ali estava aquela alegre mulher falando sobre Jesus como alguém que trouxe significado à sua vida.

Cristo alegou responder a todas as perguntas profundas sobre a nossa existência. Em um momento ou outro, todos nós perguntamos sobre o que é a vida. Alguma vez você já olhou para as estrelas em uma noite escura como breu e se perguntou quem as colocou lá? Ou você já viu um pôr do sol e pensou sobre as maiores questões da vida: “Quem sou eu?” “Por que estou aqui?” “Para onde vou quando morrer?”

Embora outros filósofos e líderes religiosos tenham oferecido suas respostas para o sentido da vida, apenas Jesus Cristo provou suas credenciais ao ressuscitar dentre os mortos. Céticos que originalmente zombavam da ressurreição de Jesus, como McDowell, descobriram que há evidências convincentes de que isso realmente ocorreu.

Jesus oferece vida com significado real. Ele disse que a vida é muito mais do que ganhar dinheiro, se divertir, ser bem sucedido e acabar em um cemitério. No entanto, muitas pessoas ainda tentam encontrar sentido na fama e sucesso, mesmo os maiores *superstars*.

Madonna tentou responder à questão “Por que estou aqui?” ao se tornar uma diva, confessando: “Há muitos anos pensei que fama, fortuna e aprovação do público me trariam felicidade. Mas um dia você acorda e percebe que eles ainda não trazem. [...] Eu senti que algo estava faltando. [...] Eu quis saber o significado da felicidade verdadeira e duradoura e como eu poderia encontrá-la” [60].

Outros têm desistido de encontrar o significado. Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana, se desesperou da vida aos 27 anos de idade e se suicidou. O caricaturista Ralph Barton também achou que a vida fosse sem sentido, deixando a seguinte nota de suicídio: “Eu tive poucas dificuldades, muitos amigos, grandes sucessos. Eu tenho ido de esposa para esposa, e de casa em casa, visitado países do mundo, mas estou farto de inventar coisas para encher as 24 horas do dia” [61].

Pascal, o grande filósofo francês, acreditava que esse vazio interior que todos experimentam só pode ser preenchido por Deus. Ele afirmou: “Há um vazio em forma de Deus no coração de cada homem que só Jesus Cristo pode preencher” [62]. Se Pascal estiver certo, então nós esperaríamos que Jesus não apenas respondesse à questão da nossa identidade e significado nesta vida, mas também esperaríamos que ele nos dê esperança para a vida depois da morte.

Pode haver significado sem Deus? Não. Surpreendentemente, até mesmo o ateu Bertrand Russell reconheceu isso quando escreveu: “A menos que você assuma um deus, a questão do propósito da vida não tem sentido” [63]. Russell aceitou para si mesmo o triste destino de, em última análise, “apodrecer” na sepultura. Em seu livro “Why I am not a Christian”, Russell rejeitou tudo o que Jesus disse sobre o sentido da vida, incluindo a sua promessa de vida eterna.

Mas Jesus realmente derrotou a morte, como as testemunhas oculares dizem, conforme estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade). Só ele é capaz de nos dizer sobre o que é a vida e responder à pergunta “Para onde vou?” Para compreender como as palavras, vida e morte de Jesus podem estabelecer nossas identidades, nos dar o sentido da vida e esperança para o futuro, precisamos entender o que ele disse sobre Deus, sobre nós, e sobre si mesmo.

2.1. O QUE JESUS DISSE SOBRE DEUS?

Deus é relacional. Muitos pensam sobre Deus mais como uma força do que como uma pessoa que podemos conhecer e nos relacionar. O Deus de quem Jesus falou não é como a força impessoal de “Guerra nas Estrelas”, nem é algum grande “bicho-papão antipático” no céu, deleitando-se em fazer nossas vidas miseráveis.

Pelo contrário, Deus é relacional como nós, mas mais ainda. Ele pensa, ele ouve. Ele se comunicou em uma linguagem que podemos compreender. Jesus nos disse e nos mostrou como é Deus. De acordo com Jesus, Deus conhece cada um de nós intimamente e pessoalmente, e pensa sobre nós continuamente.

Deus é amoroso. Jesus nos disse que Deus é amoroso. Jesus demonstrou o amor de Deus onde quer que ele fosse, conforme ele curava os doentes e estendia a mão para os feridos e pobres.

O amor de Deus é radicalmente diferente do nosso, no sentido que não é baseado em atração ou desempenho – falamos sobre o amor de Deus (*ágape*) no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). É totalmente sacrificial e altruísta. Jesus comparou o amor de Deus como o amor de um pai perfeito. Um bom pai quer o melhor para seus filhos, se sacrifica para eles e fornece coisas a eles. No entanto, tendo em vista o melhor para eles, Deus também os corrige.

Jesus ilustrou o coração de amor de Deus com uma história sobre um filho rebelde que rejeitou o conselho de seu pai sobre a vida e sobre o que é importante (Lucas 15:11-32). Arrogante e obstinado, o filho queria parar de trabalhar e queria viver sua vida. Ao invés de esperar até que seu pai estivesse pronto para dar a ele sua herança, ele começou a insistir que seu pai desse a herança mais cedo.

Na história de Jesus, o pai concedeu o pedido de seu filho. Mas as coisas se tornaram ruins para o filho. Depois de desperdiçar seu dinheiro em autoindulgência, o filho rebelde teve que ir trabalhar em uma fazenda de porcos. Logo ele estava com tanta fome que até mesmo a comida de porco parecia boa. Desanimado e não tendo certeza se seu pai iria aceitá-lo de volta, ele arrumou as malas e foi para casa.

Jesus nos disse que não só o pai o recebeu em casa, mas ele realmente correu para encontrá-lo. E, em seguida, o pai foi totalmente radical com o seu amor e preparou uma grande festa comemorando o retorno de seu filho.

É interessante que, mesmo que o pai ame tanto o seu filho, ele não foi atrás dele. Ele deixou o filho que ele amava sentir dor e sofrer as consequências de sua escolha rebelde. De forma semelhante, as Escrituras ensinam que o amor de Deus vai nos permitir sofrer as consequências de nossas próprias escolhas erradas.

Jesus também ensinou que Deus nunca irá comprometer o seu caráter. O caráter é o que somos lá no fundo. É a nossa essência a partir da qual todos os nossos pensamentos e ações derivam. Então, como Deus se parece lá no fundo?

Deus é santo. Ao longo das Escrituras (cerca de 600 vezes) Deus é referido como “santo”. Isso significa que o caráter de Deus é moralmente puro e perfeito em todos os sentidos. Sem mácula. Ele nunca entretém um pensamento que é impuro ou inconsistente com a sua excelência moral.

Além disso, a santidade de Deus significa que ele não pode estar na presença do mal. Uma vez que o mal é o oposto de sua natureza, ele o odeia. É como poluição para ele.

Mas se Deus é santo e abomina o mal, por que ele não fez o nosso caráter como o dele? Por que há molestadores de crianças, assassinos, estupradores, e perversos? E por que lutamos tanto contra nossas próprias escolhas morais? Isso nos leva para a próxima parte da nossa busca de sentido. O que Jesus disse sobre nós?

2.2. O QUE JESUS DISSE SOBRE NÓS?

Fomos criados para ter um relacionamento com Deus. No Novo Testamento, Jesus continuamente falou do nosso imenso valor para Deus, dizendo-nos que Deus nos criou para sermos seus filhos.

Bono, o *rockstar* irlandês do U2, observou em uma entrevista:

É um conceito surpreendente que o Deus que criou o universo possa estar à procura de companhia, uma relação real com as pessoas [...] [64].

Em outras palavras, antes que todo o universo fosse criado, Deus planejou nos adotar em sua família. Não apenas isso, mas ele tem planejado uma herança incrível que é nossa para ser tomada. Como o coração do pai na [parábola do filho pródigo](#) proferida por Jesus, Deus quer derramar sobre nós uma herança de bênção inimaginável e privilégio real. A seus olhos, nós somos especiais.

Temos livre arbítrio. No filme “Stepford Wives”, homens fracos, mentirosos, gananciosos e assassinos projetaram robôs submissos e obedientes para substituir suas mulheres libertinas que eles consideravam ameaças. Embora os homens supostamente amassem suas esposas, eles as substituíram com brinquedos a fim de forçar a obediência. Deus poderia ter feito as pessoas assim – pessoas robóticas programadas para amar e obedecer a ele. Mas então o nosso “amor” obrigatório não teria sentido. **Amor verdadeiro vem voluntariamente. Deus quer que o amemos livremente. Em relacionamentos reais, queremos que alguém nos ame pelo que somos, não por compulsão** – nós preferimos um companheiro de alma ao invés de uma noiva sob encomenda. Søren Kierkegaard resumiu o dilema nesta história:

Suponha que havia um rei que amava uma donzela humilde. O rei era como nenhum outro rei. Cada estadista tremia diante do seu poder [...] e ainda assim esse poderoso rei foi derretido pelo amor de uma donzela humilde. Como ele poderia declarar seu amor por ela? De uma forma estranha, sua realeza amarrou suas mãos. Se ele a trouxesse para o palácio e a coroasse a cabeça com joias [...] ela certamente não iria resistir –

ninguém se atreveria a resistir a ele. Mas será que ela o amaria? Ela iria dizer que o amava, é claro, mas será que ela o amaria verdadeiramente? [65].

Você vê o problema. Colocando de forma menos poética: como uma donzela cortaria o relacionamento com um namorado onisciente? “Não está funcionando entre nós, mas eu acho que você já sabia disso.” Mas para fazer a troca de amor livremente possível, Deus criou os seres humanos com uma capacidade única: livre arbítrio. Veja o sétimo tópico especial deste estudo (estudo sobre o livre arbítrio).

2.3. REBELIÃO CONTRA AS LEIS MORAIS DE DEUS?

C. S. Lewis argumentou que apesar de estarmos internamente “programados” com um desejo de conhecer a Deus, nos rebelamos contra ele [66]. Lewis também começou a examinar seus próprios motivos, os quais o levaram à descoberta de que ele instintivamente sabia discernir o certo do errado.

Lewis se perguntou de onde esse senso de certo e errado veio. Todos nós experimentamos esse senso de certo e errado quando lemos a respeito de Hitler, o qual matou seis milhões de judeus, ou de um herói sacrificando sua vida por alguém. Nós instintivamente sabemos que é errado mentir e enganar. Esse reconhecimento de que somos programados com uma lei moral interior levou o ex-ateu à conclusão de que deve haver um “legislador moral”.

Na verdade, de acordo com Jesus e as Escrituras, Deus nos deu uma lei moral para ser obedecida. E não apenas temos virado as costas a um relacionamento com ele – nós também temos quebrado essas leis morais que Deus estabeleceu. A maioria de nós conhece alguns dos dez mandamentos: “não mentir, não roubar, não assassinar, não adulterar”, etc. Jesus os resumiu dizendo que devemos amar a Deus com todo o coração e amar ao próximo como a nós mesmos. Quem ama não comete tais coisas. O pecado, portanto, não é apenas o mal que fazemos em infringir a lei, mas também a nossa incapacidade de fazer o que é certo. Pecado tem uma conotação no Antigo Testamento de “errar o alvo”, ou seja, falhar em fazer o certo – examinamos isso no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Deus fez o universo com leis que regem tudo nele. Elas são inevitáveis e imutáveis. Quando Einstein obteve a fórmula $E = mc^2$, ele desvendou o mistério da energia nuclear. Coloque os ingredientes certos juntos sob condições certas e enorme poder é desencadeado. As Escrituras nos dizem que a lei moral de Deus não é menos válida, uma vez que decorre de seu próprio caráter.

Desde o primeiro homem e mulher temos desobedecido as leis de Deus, mesmo que elas sejam para o nosso melhor. E nós falhamos em fazer o que é certo. Seguimos esse mesmo caminho desde o primeiro homem, Adão. A Bíblia chama essa desobediência de pecado, o que significa “errar o alvo”, como um arqueiro errando o disparo de uma flecha contra seu alvo pretendido. Assim, nossos pecados têm quebrado o relacionamento pretendido de Deus conosco. Usando o exemplo do arqueiro, perdemos a marca quando se trata da finalidade para qual fomos criados.

O pecado causa o corte de todas as relações: a raça humana separada do seu ambiente (alienação), os indivíduos separados de si mesmos (culpa e vergonha), as pessoas separadas de outras pessoas (guerra, assassinato), e as pessoas separadas de Deus (morte espiritual). Como elos em uma corrente, uma vez que o primeiro elo entre Deus e a humanidade foi quebrado, todas as ligações contingentes se tornam desacopladas.

E nós estamos quebrados. Como Kanye West cantou: “E eu não acho que não há nada que eu possa fazer para corrigir meus erros [...]. Eu quero falar com Deus, mas temo porque não nos falamos há muito tempo.” A letra da música de West fala da separação que o pecado traz às nossas vidas. E, de acordo com a Bíblia, essa separação é mais do que apenas a letra em uma canção de rap. Ela tem consequências mortais.

2.4. NOSSOS PECADOS NOS TÊM SEPARADO DO AMOR DE DEUS

Nossa rebelião (pecado) criou um muro de separação entre nós e Deus (Isaías 59:2). Nas Escrituras, “separação” significa a morte espiritual. E a morte espiritual significa ser completamente separado da luz e vida de Deus.

“Mas espere um minuto”, você pode dizer. “Deus não sabia tudo isso antes que ele nos tivesse criado?” “Por que ele não viu que seu plano estava condenado ao fracasso?” É claro que um Deus onisciente iria perceber que nós iríamos nos rebelar e pecar. Na verdade, é a nossa falha que faz com que seu plano seja tão surpreendente. Isso nos traz à razão pela qual Deus veio à Terra em forma humana e, o que é ainda mais incrível, a razão notável para sua morte.

2.5. A SOLUÇÃO PERFEITA DE DEUS

O Espírito do Soberano, o SENHOR, está sobre mim, porque o SENHOR ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes e dar a todos os que choram em Sião uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto e um manto de louvor em vez de espírito deprimido. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantio do SENHOR, para manifestação da sua glória. (*Isaías 61:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”. Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”. (*Lucas 4:16-20, “Nova Versão Internacional”*).

Durante os seus três anos de ministério público, Jesus nos ensinou como viver e realizou muitos milagres, até mesmo ressuscitando os mortos. Mas ele afirmou que sua principal missão era nos salvar dos nossos pecados.

Jesus proclamou que ele era o Messias prometido que levaria a nossa iniquidade sobre si mesmo. O profeta Isaías tinha escrito sobre o Messias cerca de 700 anos antes, dando-nos várias pistas sobre sua identidade. Mas a pista mais difícil de compreender é que o Messias seria tanto homem quanto Deus.

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, **Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz**. (*Isaías 9:6, “Nova Versão Internacional”*).

O autor Ray Stedman escreveu sobre o Messias prometido por Deus: “Desde o início do Antigo Testamento, há um sentimento de esperança e expectativa, como o som de passos se aproximando: ‘Alguém está chegando!’ [...] Essa esperança aumenta ao longo do registro profético conforme profeta após profeta declara ainda outra dica tentadora: ‘Alguém está vindo!’” [67].

Os antigos profetas haviam predito que o Messias se tornaria a perfeita oferta pelo pecado, satisfazendo a justiça de Deus. Esse homem perfeito se qualificaria para morrer por nós (*Isaías 53:6*).

Segundo os autores do Novo Testamento, a única razão pela qual Jesus estava qualificado para morrer por nós é que, como Deus em carne, ele viveu uma vida moralmente perfeita e não foi sujeito a julgamento por causa de pecado.

É difícil entender como a morte de Jesus pagou por nossos pecados. Talvez uma analogia judicial possa esclarecer como Jesus resolve o dilema do amor e da perfeita justiça de Deus.

Imagine que você entra em um tribunal, culpado de assassinato (você tem alguns problemas sérios). Ao se aproximar do banco, você percebe que o juiz é o seu pai. Sabendo que ele o ama, você começa imediatamente a pleitear: “Pai, deixe-me ir!” Ao que ele responde: “Eu amo você, meu filho, mas eu sou um juiz. Eu não posso simplesmente deixá-lo ir.”

Ele está dividido. Eventualmente, ele bate o martelo e declara que você é culpado. A justiça não pode ser comprometida, pelo menos não por um juiz. Mas porque ele o ama, ele desce do banco, tira sua veste de juiz, e se oferece para pagar a pena para você. E, de fato, ele toma o seu lugar na cadeira elétrica.

Esse é o quadro pintado pelo Novo Testamento. Deus se envolveu na história humana, na pessoa de Jesus Cristo, e foi para a cadeira elétrica (leia-se: a cruz) em vez de nós, por nós. Jesus não é um bode expiatório qualquer de terceiros levando nossos pecados, mas ao contrário, ele é o próprio Deus. Colocando de forma mais direta, Deus tinha duas opções: julgar o pecado em nós ou assumir o ele mesmo o castigo. Em Cristo, ele escolheu a segunda opção.

Embora o cantor Bono do U2 não pretendesse ser um teólogo, ele afirmou com exatidão a razão para a morte de Jesus:

O ponto da morte de Cristo é que Cristo levou os pecados do mundo, de modo que o que colocamos para fora não voltou para nós, e que a nossa natureza pecaminosa não colheu a morte óbvia. Essa é a questão. Isso deveria nos manter humildes. Não são nossas boas obras que nos levam através dos portões do céu [68].

Em outras palavras, a perfeita justiça de Deus é completamente satisfeita pela morte de seu Filho, Jesus Cristo. Quando nos convertemos, todos os nossos pecados, não importa o quão maus sejam, são completamente pagos pelo sangue de Cristo. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Algumas pessoas não acham que precisam de um salvador, crendo que Deus deve estar satisfeito com as suas vidas e obras de caridade. Elas, na prática, não consideram a si mesmas como pecadoras. Isso é especialmente verdadeiro para as pessoas que passam grande parte de suas vidas tentando viver de acordo com um código moral ou religioso em particular.

Talvez Hitler seja merecedor de julgamento, elas raciocinam, mas elas mesmas não, e nem outras pessoas que vivem “vidas decentes”. É como dizer que Deus dá notas com base em uma curva de um gráfico e todo mundo que receber uma nota 5 ou melhor vai entrar no céu. Mas isso apresenta um dilema.

O pecado é o oposto absoluto do caráter santo de Deus. Assim, temos ofendido aquele que nos criou e nos amou a ponto de sacrificar seu próprio Filho para nós. Em certo sentido, nossa rebelião é como cuspir na cara dele. Nem boas obras, religião, meditação ou *karma* podem pagar a dívida que nossos pecados têm incorrido.

Então, porque é que só Jesus pode nos salvar dos nossos pecados? Não existem outros qualificados para nos salvar? Embora tenha havido muitas pessoas e profetas que viveram boas vidas, as testemunhas oculares de Jesus no Novo Testamento nos dizem que ele era moralmente justo em todos os sentidos. O teólogo R. C. Sproul nos disse que, uma vez que Cristo viveu uma vida sem pecado, somente ele é qualificado para ser nosso salvador [69].

2.6. UM PRESENTE NÃO MERECIDO

O termo bíblico para descrever o perdão de Deus por meio da morte sacrificial de Cristo é **graça**. Considerando que a misericórdia nos salva do que nós merecemos, **a graça de Deus nos dá o que não merecemos**. Vamos rever por um minuto como Cristo fez por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos:

- Deus nos ama e nos criou para um relacionamento consigo (João 3:16);
- Nos tem sido dada a liberdade de aceitar ou rejeitar esse relacionamento (João 1:12);
- Nosso pecado e rebelião contra Deus e suas leis criaram um muro de separação entre nós e ele (Isaías 59:2);
- Embora sejamos merecedores do juízo eterno, Deus pagou nossa dívida na íntegra pela morte de Jesus em nosso lugar, tornando a vida eterna com ele possível (Romanos 5:8).

Bono, vocalista do U2, nos dá sua perspectiva sobre a graça:

A graça desafia a razão e a lógica. O amor interrompe, se você deixar, as consequências de suas ações, as quais no meu caso são uma notícia muito boa, porque eu fiz um monte de coisas estúpidas... Eu teria um grande problema se o *karma* fosse finalmente o meu juiz... Ele não desculpa os meus erros, mas eu estou esperando pela graça. Estou me apegando ao fato que Jesus levou meus pecados até a cruz, porque eu sei quem eu sou, e eu espero que eu não tenha que depender de minha própria religiosidade [70].

Temos agora a imagem do plano de Deus. Mas ainda há um ingrediente que falta. De acordo com Jesus e os autores do Novo Testamento, **cada um de nós individualmente tem que responder ao dom que Jesus nos oferece. Ele não nos forçará a tomá-lo.**

2.7. VOCÊ ESCOLHE O FINAL

Estamos continuamente fazendo escolhas – o que vestir, o que comer, nossa carreira, com quem vamos casar, etc. É o mesmo quando se trata de um relacionamento com Deus. O autor Ravi Zacharias escreveu:

A mensagem de Jesus revela que cada indivíduo [...] vem a conhecer a Deus não em virtude de nascimento, mas por uma escolha consciente para deixá-lo ter o seu governo em sua vida individual [71].

Nossas escolhas muitas vezes são influenciadas por outros. Mas em alguns casos nos é dado o conselho errado. Em 11 de setembro de 2001, 600 pessoas inocentes depositam sua confiança no conselho errado, e inocentemente sofreram as consequências. A história verdadeira ocorreu assim:

Um homem que estava no nonagésimo segundo andar da torre sul do World Trade Center tinha acabado de ouvir um jato bater na torre norte. Atordoado pela explosão, ele chamou a polícia para obter instruções sobre o que fazer. “Precisamos saber se temos que sair daqui, porque nós sabemos que há uma explosão”, disse ele com urgência ao telefone.

A voz do outro lado o aconselhou a não evacuar. “Eu esperaria até novo aviso.”

“Tudo bem”, disse o autor da chamada. “Não evacue.” Ele então desligou.

Pouco depois das 9 horas da manhã, outro jato colidiu com o octagésimo andar da torre sul. Quase todas as 600 pessoas nos andares superiores da torre sul pereceram. A falha na evacuação do edifício foi uma das grandes tragédias do dia [72].

Essas 600 pessoas pereceram porque se basearam na informação errada, apesar de terem sido dadas por uma pessoa que estava tentando ajudar. A tragédia não teria ocorrido se tivesse sido dada a informação correta às 600 vítimas.

A nossa escolha consciente sobre Jesus é infinitamente mais importante do que a escolha voltada às mal informadas vítimas do 11 de setembro de 2001. A eternidade está em jogo. Podemos escolher uma de três respostas diferentes sobre Jesus: nós podemos ignorá-lo, nós podemos rejeitá-lo, ou nós podemos aceitá-lo.

A razão pela qual muitas pessoas passam a vida ignorando Deus é que elas estão muito ocupadas empurrando sua própria agenda. Chuck Colson era assim. Aos 39 anos, Colson ocupou o escritório ao lado do presidente dos Estados Unidos. Ele era o “cara durão” da Casa Branca de Nixon, o “homem da machadinha” que poderia tomar decisões difíceis. No entanto, em 1972, o **escândalo de Watergate** arruinou sua reputação e seu mundo se tornou descolado. Mais tarde, ele escreveu:

Eu tinha estado preocupado comigo mesmo. Eu tinha feito isso e aquilo, eu tinha conseguido e eu tinha dado a Deus nenhum crédito, nenhuma vez agradecendo a ele por qualquer um dos seus dons para mim. Eu nunca tinha pensado em algo ser “incomensuravelmente superior” a mim mesmo, ou nunca tive momentos fugazes pensando sobre o poder infinito de Deus, eu não tinha relacionado ele à minha vida [73].

Muitos podem se identificar com Colson. É fácil ser pego no ritmo acelerado da vida e ter pouco ou nenhum tempo para Deus. No entanto, ignorar a oferta graciosa de Deus de perdão tem consequências terríveis, assim como a rejeição total. Nossa dívida do pecado ainda continuaria pendente.

Nos casos criminosos, poucos recusam um perdão total. Em 1915, George Burdick, editor da cidade para o New York Tribune, havia se recusado a revelar fontes e tinha quebrado a lei. O presidente Woodrow Wilson declarou um perdão completo para Burdick para todas as ofensas que ele havia “cometido ou que possa ter cometido”. O que fez o caso de Burdick histórico é que ele recusou o perdão. Isso levou o caso para o supremo tribunal, o qual ficou do lado de Burdick afirmando que um perdão presidencial não poderia ser forçado a ninguém.

Quando se trata de rejeitar perdão o total de Cristo, as pessoas dão uma variedade de razões. Muitos dizem que não há provas suficientes, porém, como Bertrand Russell e uma série de outros céticos, eles não estão interessados suficientemente para realmente investigar. Outros se recusam a olhar para além de alguns “cristãos” hipócritas que conhecem, apontando para o comportamento sem amor ou inconsistente deles como desculpa. E outros ainda rejeitam a Cristo porque eles culpam a Deus por alguma experiência triste ou trágica que sofreram.

No entanto, Ravi Zacharias, o qual já debateu com intelectuais em centenas de campi universitários, acredita que a verdadeira razão para a maioria das pessoas rejeitar a Deus é moral. Ele escreveu:

Um homem rejeita Deus não por causa de exigências intelectuais, nem por causa da escassez de evidências. Um homem rejeita a Deus por causa de resistência moral que se recusa a admitir sua necessidade de Deus [74].

O desejo de liberdade moral manteve C. S. Lewis longe de Deus pela maioria de seus anos de faculdade. Depois que sua busca pela verdade o levou a Deus, Lewis explicou como a aceitação de Cristo envolve mais do que apenas um acordo intelectual com os fatos. Ele escreveu:

O homem caído não é simplesmente uma criatura imperfeita que precisa ser melhorada: é um rebelde que deve abaixar suas armas. Abaixar suas armas, entregar-se, dizer que você está arrependido, perceber que você tem estado no caminho errado, e se preparar para começar a vida de novo... É o que os cristãos chamam arrependimento [75].

Arrependimento é uma palavra que significa uma dramática reviravolta no pensamento. Isso é o que aconteceu com o antigo “homem da machadinha” de Nixon. Depois de que Watergate foi exposto, Colson começou a pensar sobre a vida de forma diferente. Sentindo sua própria falta de propósito, ele começou a ler de a obra de Lewis, “Mere Christianity”, dada a ele por um amigo. Treinado como advogado, Colson tirou um bloco amarelo e começou a escrever os argumentos de Lewis. Colson recordou:

Eu sabia que tinha chegado o momento para mim. Estava eu a aceitar sem reservas a Jesus Cristo como Senhor da minha vida? Era como um portão diante de mim. Não havia nenhuma maneira de andar em torno dele. Eu iria caminhar para dentro, ou eu iria ficar de fora. **Um “talvez” ou “eu preciso de mais tempo” era como se eu estivesse brincando comigo mesmo [76].**

Depois de uma luta interior, esse ex-assessor do presidente dos Estados Unidos finalmente percebeu que Jesus Cristo era merecedor de sua fidelidade completa. Ele escreveu:

E assim, em uma manhã de sexta-feira, bem cedo, enquanto eu estava sentado sozinho olhando para o mar que eu amo, palavras que eu não tinha certeza que eu poderia entender ou dizer que caíram naturalmente dos meus lábios: “Senhor Jesus, eu acredito em você. Eu aceito você. Por favor entre em minha vida. Eu me comprometo com você” [77].

A fé de Colson mostrada acima é a porta de entrada para a conversão a Cristo. Colson descobriu que suas perguntas “Quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou?” são todas respondidas em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. É em Cristo que descobrimos quem somos e a razão para estarmos vivendo.

Quando entramos em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, ele enche o nosso vazio interior, nos dá paz, e satisfaz o nosso desejo por sentido e esperança. E já não precisamos recorrer a estímulos temporários para nossa realização. Quando nós nos convertemos a Cristo depois do **batismo** bíblico – veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) – ele também satisfaz nossos desejos mais profundos e nossas necessidades de verdadeiro e duradouro amor e segurança.

E a coisa impressionante é que o próprio Deus veio como um homem para pagar toda a nossa dívida. Portanto, cristãos não estão sob pena de pecado. Paulo afirmou isso claramente aos colossenses quando escreveu:

Antes vocês estavam separados de Deus e, na mente de vocês, eram inimigos por causa do mau procedimento de vocês. Mas agora ele os reconciliou pelo corpo físico de Cristo, mediante a morte, para apresentá-los diante dele santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação. (*Colossenses 1:21-22, "Nova Versão Internacional"*).

Assim, Deus fez o que não fomos capazes de fazer por nós mesmos. Somos libertos dos nossos pecados pela morte sacrificial de Jesus. É como um assassino em série que vai perante um juiz e a ele é concedido um perdão total e completo. Ele não merece o perdão, e nós também não. O dom da vida eterna de Deus é absolutamente gratuito – e é para ser tomado. No entanto, ainda que o perdão seja oferecido a nós, nos cabe aceitá-lo. A escolha é sua.

3. JESUS ESTÁ VOLTANDO? [78]

Quarenta dias depois da sua ressurreição, Jesus levou seus discípulos para o Monte das Oliveiras, onde ele subiu às nuvens, fora da vista deles. Enquanto eles estavam olhando com espanto, o seguinte ocorreu:

E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? **Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir.**" (*Atos 1:10-11, "Nova Versão Internacional"*).

Esses anjos não estavam dizendo nada novo. Eles estavam apenas confirmando a clara promessa de Jesus de que ele voltaria um dia em poder, glória e julgamento.

3.1. PROMESSA QUEBRADA?

Quase 2.000 anos se passaram desde que Jesus deixou a Terra e muitos se perguntam por que ele demora tanto tempo para voltar. Em seu livro "Why I Am Not a Christian", o ateu Bertrand Russell acusou Jesus de quebrar sua promessa de retornar [79]. Russell argumentou que Jesus não poderia ter sido "todo sábio" se ele quebrou uma promessa tão importante. Ele certamente não poderia ter sido Deus, como ele afirmou com tanta frequência. É possível que Russell esteja certo sobre Jesus quebrando sua promessa?

O apóstolo Pedro previu que escarnecedores como Russell apontariam para o "atraso" de Jesus como uma promessa quebrada. Ele escreveu:

Antes de tudo saibam que, nos últimos dias, **surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões. Eles dirão: "O que houve com a promessa da sua vinda?** Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação." (*2 Pedro 3:3-4, "Nova Versão Internacional"*).

Talvez Russell e outros escarnecedores deveriam ter olhado mais de perto para as palavras de Pedro. Ele explicou a razão para a "demora" de Jesus:

Não se esqueçam disto, amados: para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia. **O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento.** (*2 Pedro 3:8-9, "Nova Versão Internacional"*).

Pedro estava escrevendo aos cristãos que estavam enfrentando provações e perseguições. Eles queriam que Jesus viesse mais cedo do que mais tarde. No entanto, Pedro disse a eles que o Senhor é misericordioso e está aguardando que o máximo de pessoas possível se converta a ele.

Apenas Deus sabe quando será o retorno de Jesus. Quando isso ocorrer, **o tempo para que as pessoas se arrependam termina. A Terra será destruída pelo fogo, o julgamento final ocorrerá e novos céus e terra estarão disponíveis:**

O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor. Todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça. (2 Pedro 3:10-13, “Nova Versão Internacional”).

É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando **o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram, inclusive vocês que creram em nosso testemunho.** (2 Tessalonicenses 1:6-10, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, uma possibilidade plausível é que o retorno de Jesus esteja “demorando” em termos de tempo porque Deus aguarda o momento em que ele sabe que ninguém mais vai se converter a ele. Ele é onisciente e, como tal, só ele sabe quando será o momento certo. No entanto, do nosso ponto de vista, não sabemos quando isso acontecerá e, portanto, o retorno de Cristo pode ocorrer a qualquer momento. Isso implica que o evangelho vai continuar a ser pregado o tempo todo por todo o mundo.

Uma possibilidade plausível quanto ao retorno de Jesus estar “próximo” é que essa proximidade não é exatamente em termos de tempo, mas em termos de que não há mais nenhum “evento divino marcado para ocorrer na Terra” antes do fim. Não há outra revelação para vir, não há outro Messias para vir, etc. Se for assim, o retorno de Jesus seria o próximo (e último) “evento divino” marcado no “calendário divino” para esta Terra. Com esse ponto de vista, de fato o retorno de Cristo está próximo – é o próximo evento bíblico a ocorrer.

3.2. JESUS MANTEVE SUAS OUTRAS PROMESSAS?

Como responder a escarnecedores tais como Bertrand Russell, o qual acusou Jesus de quebrar sua promessa de retornar?

Em primeiro lugar, podemos perguntar como Jesus sabia há cerca de 2.000 anos antes do presente que o evangelho de fato seria pregado em todo o mundo. Como ele poderia saber isso, a menos que ele soubesse o futuro?

Em segundo lugar, precisamos olhar para outras promessas que Jesus fez para constatar se foram mantidas. Vejamos três outras coisas importantes que Jesus prometeu:

1. Ele é o [cumprimento de profecias messiânicas](#) (Mateus 16:13-17; Lucas 4:16-21; 7:19-23);
2. [Jerusalém seria destruída](#) (Mateus 24:1-2; Lucas 13:34-35; 19:41-44; 21:20-24);
3. Ele [morreria e se levantaria novamente](#) três dias depois (Mateus 12:40; 17:22-23).

3.3. JESUS CUMPRIU PROFECIAS ANTIGAS?

Em primeiro lugar, Jesus alegou ser o cumprimento das profecias messiânicas. Estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade) que Jesus cumpriu as profecias messiânicas do Antigo Testamento. A Bíblia é o único “livro sagrado” que contém uma grande quantidade de profecias específicas relativas às nações, a Israel e à vinda do Messias [80]. Cerca de 300 referências foram apresentadas no Antigo Testamento sobre a vinda do Messias. Elas falaram da sua linhagem, sua terra natal, sua traição, sua morte e sua ressurreição. **Essas referências foram escritas entre 500 a 1.000 anos antes de Jesus nascer, e ele cumpriu cada uma.**

Evidências dos pergaminhos do Mar Morto provam que as profecias foram escritas antes de Cristo, o que torna impossível que elas tenham sido encenadas. As chances de que uma pessoa pudesse cumprir cada uma dessas profecias sem erros são estatisticamente impossíveis [81]. O cumprimento de tantas profecias específicas por parte de Jesus é uma prova de que ele realmente era o Messias prometido.

3.4. JESUS ESTAVA CERTO SOBRE JERUSALÉM?

Em segundo lugar, vamos examinar a profecia de Jesus sobre a destruição iminente de Jerusalém, uma previsão que parecia impossível no momento e que chocou aqueles que a ouviram (Mateus 24:1-35; Marcos 13:1-31; Lucas 21:5-36). Jesus alertou os judeus que sua rejeição por parte deles resultaria em um final horrível para Jerusalém e na destruição do magnífico templo deles.

Tragicamente, as palavras de Jesus se tornaram realidade. Um milhão de judeus foram mortos cerca de quarenta anos mais tarde, quando Tito e o exército romano destruíram Jerusalém em 70 d.C.

3.5. JESUS ESTEVE CERTO SOBRE SUA RESSURREIÇÃO?

A terceira previsão significativa que Jesus fez foi que ele iria ressuscitar dos mortos depois de ser crucificado. Já constatamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade) que Jesus cumpriu as profecias sobre sua ressurreição. Dessa alegação, o estudioso da Bíblia Wilbur Smith argumentou:

Quando ele disse que ele mesmo iria ressuscitar dos mortos, ao terceiro dia depois que ele foi crucificado, ele disse algo que só um tolo se atreveria a dizer se esperasse mais devoção de quaisquer discípulos, a menos que ele tivesse certeza de que ele iria se erguer. Nenhum fundador de qualquer religião do mundo conhecido pelo homem jamais ousou dizer uma coisa como essa [82].

A predição de Jesus colocou tudo o mais que ele disse em perigo. Se ele não ressuscitasse dos mortos como prometido, por que alguém iria continuar acreditando nele? No entanto, seus seguidores, com entusiasmo, o fizeram. Em um artigo do New York Times, Peter Steinfeld citou os eventos surpreendentes que ocorreram três dias depois da morte de Jesus:

Pouco depois que Jesus foi executado, seus seguidores foram repentinamente galvanizados de um grupo perplexo e recolhido para pessoas cuja mensagem sobre um Jesus vivo e um reino vindouro foi pregada com o risco de suas vidas, acabando por mudar um império. Algo aconteceu. [...] Mas exatamente o quê? [83].

Então, o que aconteceu que transformou o mundo do primeiro século? Existe evidência de que Jesus ressuscitou dos mortos? Como estudamos no terceiro estágio deste estudo (veracidade), o cético Frank Morrison inicialmente começou a escrever um livro para refutar a ressurreição. Depois de examinar as evidências, ele foi para o lado oposto e escreveu um livro diferente sobre a razão de ele acreditar que a ressurreição de Cristo é verdadeira.

Outro cético, o Dr. Simon Greenleaf, fundador da Harvard Law School, após uma avaliação detalhada das evidências, se convenceu de que a ressurreição realmente aconteceu, principalmente por causa da mudança radical nos discípulos.

Então, se Jesus cumpriu numerosas profecias messiânicas escritas centenas de anos antes do seu nascimento, previu corretamente a queda de Jerusalém, e manteve sua promessa incrível de ressuscitar dos mortos como a evidência demonstra, alguma pessoa razoável duvidaria de sua promessa de voltar?

3.6. COMO SE PREPARAR PARA O RETORNO DE JESUS?

Jesus anunciou aos seus seguidores que se preparassem para o seu retorno como se fosse a coisa mais importante em suas vidas (Lucas 12:35-40). Ele usou a ilustração de um servo prudente preparando as coisas para o retorno do seu mestre. Em outro exemplo, ele falou sobre antecipar seu retorno como, conforme costume judaico, uma noiva que devia estar pronta para a chegada de seu noivo (Mateus 25:1-13).

Como nos preparamos para a volta de Jesus? Nos preparamos primeiro nos convertendo a ele e, depois, continuando a obedecer a ele.

Conversão a Jesus. Estudamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?) sobre quem é verdadeiramente cristão. Jesus voltará pessoalmente para aqueles que já têm um relacionamento com ele, e isso somente é possível para aqueles que se

convertem a ele (cristãos). É necessário crer que Jesus é Senhor (Deus) e salvador, conhecer o evangelho de forma a confessar a fé que Deus quer (e isso por toda a vida, não apenas no momento da conversão), arrependimento (o que envolve desistir de pecar e tomar a decisão firme de seguir os ensinamentos do Novo Testamento) e o batismo com imersão total em água em nome de Jesus Cristo (com sua autoridade) com o objetivo de remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito Santo (a salvação e a capacitação para nela permanecer). É no batismo que se invoca o nome do Senhor para salvação, sendo que a velha pessoa é sepultada nas águas e a nova pessoa se ergue delas, como uma ressurreição análoga à ressurreição de Cristo. A partir daí a pessoa se converteu a Jesus e então deve perseverar, isto é, persistir em seguir os ensinamentos do Senhor, estabelecendo um relacionamento com ele.

Jesus disse que nossas boas obras para Deus são inúteis para comprar a salvação (Mateus 7:21-23). Boas obras são consequências de fazer a vontade dele. Isso implica em ter um relacionamento com ele. A única coisa que vai contar quando morrermos ou quando o vermos voltar é se nos convertemos a ele e continuamos a obedecê-lo até o fim – e, para isso, é necessário conhecê-lo por meio do evangelho (Mateus 7:22-23). Os demais serão lançados para longe dele.

Então, como é que vamos chegar a conhecê-lo? **Estudando a Bíblia.**

De acordo com Jesus, para aqueles que se convertem a ele é dado o direito de se tornarem filhos de Deus (João 1:12):

Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus. (João 1:12, “Nova Versão Internacional”).

Obedecendo Jesus. O retorno de Jesus será seguido por um julgamento no qual todos os pensamentos e atos serão abertos diante dele. Embora o perdão dos pecados seja baseado na fé em Jesus, essa fé deve ser colocada em prática pela obediência. Devemos querer agradá-lo com as nossas vidas e alcançar outros com a sua mensagem de perdão.

Se vocês me amam, **obedecerão aos meus mandamentos.** (João 14:15, “Nova Versão Internacional”).

De acordo com Jesus, aqueles que vivem para ele em obediência receberão recompensa. Ele disse:

Eis que venho em breve! **A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez.** (Apocalipse 22:12, “Nova Versão Internacional”).

Precisamos examinar nossas vidas para nos certificar de que estamos nos preparando para encontrá-lo. O nosso objetivo é, portanto, agradá-lo, estejamos “em casa” ou “longe”. Cada ser humano terá que estar sem pretensão diante de Cristo, o juiz, e será recompensado ou punido pelo que fez enquanto viveu em seu corpo, ou seja, nesta vida, quer tenha sido o bem quer tenha sido o mal (2 Coríntios 5:10). E **o bem ou mal correspondem, respectivamente, a fazer a vontade de Deus ou não.**

A própria motivação de nossas ações é o amor de Cristo. Nós olhamos para ele assim: se um morreu por todos os homens, então, em certo sentido, todos eles morreram, e o propósito de Jesus em morrer por eles é que suas vidas não mais devem ser vividas para eles mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles (2 Coríntios 5:9-10,14-15).

A obediência a Cristo deve ser a resposta ao seu grande amor por nós.

Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS [84]

Alexandre, César, Carlos Magno e eu fundamos impérios; mas em que fundamento estabelecemos as criações de nosso gênio? Sobre a força! Mas Jesus Cristo fundou o seu sobre o amor; e nessa hora milhões de homens morreriam por ele. (Napoleão Bonaparte).

A doutrina de que a felicidade futura depende da crença é monstruosa. É a infâmia das infâmias. (Robert G. Ingersoll).

É impossível verdadeiramente ser neutro sobre Jesus Cristo. De fato, aceitamos ou não aceitamos Jesus como o Filho de Deus. As implicações da posição que tomamos sobre Jesus alteram nossa vida. Se alguém aceita Jesus como o Filho de Deus, então precisa tomar a decisão de [seguir Jesus](#) ou não. Se alguém não aceita Jesus como o Filho de Deus, então a Bíblia é relegada como mito e fábula. Em consequência, essa pessoa não sentirá a necessidade de se submeter aos ensinamentos da Bíblia. Nossa filosofia a respeito de Jesus determinará o curso da vida.

Há quem argumente que Jesus foi um bom homem, porém não foi o Filho de Deus. O problema com isso é que, se Jesus não era o Filho de Deus, então ele era um mentiroso. Se ele era um mentiroso, então como pode alguém argumentar que ele era um bom homem? Simplesmente não existe a opção de chamar Jesus de “um bom homem” sem considerá-lo como Deus. Para isso seria necessário rejeitá-lo como se ele fosse uma fraude. Não há como ser neutro sobre ele. C. S. Lewis expôs esse problema com as seguintes palavras:

Estou tentando aqui evitar que alguém diga a coisa realmente tola que pessoas frequentemente dizem sobre ele: **“Estou pronto a aceitar Jesus como um grande mestre moral, porém não aceito sua declaração de ser Deus.”** Essa é a coisa que temos que não dizer. Um homem que era meramente um homem e disse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre moral. Ele seria ou um lunático – no nível do homem que se diz ser um ovo frito – ou então seria o diabo do inferno. Temos que fazer nossa escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou então é um louco ou algo pior. Podemos calá-lo como tolo, podemos cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou podemos cair aos seus pés e chamá-lo Senhor e Deus. Mas não venhamos com qualquer tolice como “panos quentes” sobre ele ser um grande mestre humano. Ele não deixou isso aberto para nós. Ele não pretendeu deixar [\[85\]](#).

Há quem objete contra o conceito de que Jesus não poderia ser tanto Deus como homem. Qualquer atribuição de divindade a Jesus jamais foi levemente considerada. Sempre existiram tensões teológicas sobre a natureza de Jesus. O problema parece ser que temos dificuldade em conciliar o Cristo de dupla natureza devido às nossas próprias limitações. É difícil entender como isso poderia acontecer de outro modo além da aceitação do poder e conhecimento de um criador. **Se permitirmos que os documentos bíblicos se sustentem em suas próprias evidências, eles são sólidos e bastante confiáveis. O problema aparece quando nossa fé é desafiada a aceitar algumas coisas que não são “normais” e nem são ocorrências do dia a dia nesta “era científica moderna”.**

Não se pode dizer honestamente que é impossível para Deus vir em carne. Tal afirmação é equivalente a jactar-se de ter todo o conhecimento. Como podemos saber que Deus não poderia fazer isso a menos que, primeiramente, assumamos que Deus não existe e, em segundo lugar, que Deus não pode “interferir” com sua própria criação? Obviamente a fé desempenha um papel maior nesse assunto, mas não é uma fé cega, como muitos alegam. Se podemos aceitar Deus pelo número de evidências que ele mesmo deixou, então podemos aceitar o que Deus tem feito por nós. Aceitação e pleno entendimento são dois assuntos diferentes. Abordamos sobre fé no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

Alguns que aceitam a existência de Deus negam a divindade de Jesus baseados em que há um único Deus. Eles rejeitam qualquer conceito de uma “trindade”. Todos nós temos um entendimento básico da possibilidade de haver “uma” de alguma coisa e, contudo, essa alguma coisa possuir elementos plurais. Por exemplo, uma equipe pode consistir de cinco, nove, ou onze jogadores em um campo esportivo, dependendo do esporte. Um único casamento consiste de duas pessoas. Uma família pode ter muitos membros. Um triângulo possui três lados. Biblicamente, o conceito é confirmado. A Bíblia diz, a respeito do casamento, que dois “se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24). Dois se tornam um, contudo permanecem pessoas distintas. Ninguém argumentaria que eles formam dois casamentos. Qualquer comparação desse conceito com Deus não é totalmente adequada, mas pelo menos a ideia é compreensível. **Há um Deus, um estado de divindade, mas há três personalidades distintas às quais a divindade é atribuída. Isso não faz três deuses. Antes, há um Deus composto de três pessoas. Tire qualquer pessoa do quadro e a unidade de Deus é destruída.**

Ao que tudo indica, **a rejeição de Jesus como Deus ocorre mais em bases filosóficas do que em bases históricas.** Como demonstrado no terceiro estágio deste estudo (veracidade), é virtualmente impossível refutar a

Bíblia em bases históricas. E rejeitar sua historicidade por causa de eventos ou mensagens que ela contém com bases filosóficas não é histórico.

A Bíblia, de fato, ensina que Jesus é Deus. O Antigo Testamento apoia o ensinamento da divindade de Jesus e o Novo Testamento irresistivelmente ensina que Jesus é Deus. As Escrituras também confirmam que o entendimento de Jesus sobre si mesmo é consistente com esse ensinamento. Ele não promoveu sua própria identidade diretamente (muito provavelmente pela comoção que isso geraria), mas ele fez declarações que são equivalentes a declarações de divindade. E, mais ainda, suas obras demonstraram sua identidade, e sua aceitação de adoração mostrou o entendimento que ele tinha de si mesmo como Deus. Em última análise, a ressurreição é a testemunha mais significativa da divindade de Jesus. Ela declara poderosamente que Jesus é o Filho de Deus (Romanos 1:4).

O restante do Novo Testamento retrata Jesus como divino. Ainda que a Bíblia ensine que Jesus viveu como um ser humano, ela ensina que ele é muito mais do que isso. Ela atribui a ele a natureza essencial e caráter de divindade. Ela [não ensina que ele deixou sua divindade quando veio à Terra](#). Antes, ela ensina que **Jesus tomou a natureza essencial de servidão: seu maior ato de serviço foi a dádiva de sua vida**.

A questão sobre a identidade de Jesus não terminará tão cedo. Questões recentes sobre Jesus têm renovado muito da discussão. Seja qual for a posição com que se termine, ela será aceita através de algum processo de fé. Isso é inevitável e **Deus quis que fosse assim**. A questão permanece, contudo, sobre qual é a fé mais razoável. Baseando-nos em considerações bíblicas, históricas e outras, podemos afirmar que **Jesus foi, e ainda é, Deus. Ele nunca pode ser menos do que isso**.

5. REFERÊNCIAS

- [1] Adaptado de ProvetheBible.net/T1/Divinity.htm; Estudosdabiblia.net/2004219.htm; acessados em 12/2022. [Retornar](#).
- [2] Adaptado de Estudosdabiblia.net/2004219.htm, acessado em 12/2022. [Retornar](#).
- [3] Ferguson, Everett, "Early Christians Speak", Rev. ed. Abilene: ACU Press., 1987, p. 18. [Retornar](#).
- [4] Ferguson, Everett, "Early Christians Speak", Rev. ed. Abilene: ACU Press., 1987, p. 18. [Retornar](#).
- [5] Hardy, Edward R., ed., "Christology of the Later Fathers", Philadelphia: The Westminster Press, p. 379. [Retornar](#).
- [6] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, pp. 2-3. [Retornar](#).
- [7] Bultmann, Rudolph, "Theology of The New Testament", Vol. I., New York: Charles Scribner's Sons, 1951, p. 26. [Retornar](#).
- [8] Praamsma, L., "The Church of the Twentieth Century", Vol. VII, St. Catharines, Ontario: Paideia Press, 1981, p. 61. [Retornar](#).
- [9] Ostling, Richard N. & Towle, Lisa H., "The Gospel Truth?", Time, 8 April 1996: 52-59, pp. 54-55. [Retornar](#).
- [10] Woodward, Kenneth L., "Rethinking the Resurrection", Newsweek, 8 April 1996: 61-70, p. 2. [Retornar](#).
- [11] Boyd, Gregory A., "Cynic Sage or Son of God?", Wheaton, IL: Victor Books, 1995, p. 243. [Retornar](#).
- [12] Boyd, Gregory A., "Cynic Sage or Son of God?", Wheaton, IL: Victor Books, 1995, p. 293. [Retornar](#).
- [13] Woodward, Kenneth L. "Rethinking the Resurrection." Newsweek 8 April 1996: 61-70, p. 65. [Retornar](#).
- [14] Woodward, Kenneth L. "Rethinking the Resurrection." Newsweek 8 April 1996: 61-70, p. 66. [Retornar](#).

- [15] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 137. [Retornar](#).
- [16] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 140. [Retornar](#).
- [17] Woodward, Kenneth L., "Rethinking the Resurrection", *Newsweek*, 8 April 1996: 61-70, p. 65. [Retornar](#).
- [18] Woodward, Kenneth L., "Rethinking the Resurrection", *Newsweek*, 8 April 1996: 61-70, p. 62. [Retornar](#).
- [19] Conforme Ostling, Richard N. & Towle, Lisa H., "The Gospel Truth?", *Time*, 8 April 1996: 52-59, p. 58. [Retornar](#).
- [20] Craig, William Lane, "Reasonable Faith", Rev. ed. Wheaton, IL: Crossway Books, 1994, p. 280. [Retornar](#).
- [21] Woodward, Kenneth L., "Rethinking the Resurrection", *Newsweek*, 8 April 1996: 61-70, p. 70. [Retornar](#).
- [22] Kreeft, Peter & Tacelli, Ronald K., "Handbook of Christian Apologetics", Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 197. [Retornar](#).
- [23] Kreeft, Peter & Tacelli, Ronald K., "Handbook of Christian Apologetics", Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 176. [Retornar](#).
- [24] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 141. [Retornar](#).
- [25] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 57. [Retornar](#).
- [26] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 117. [Retornar](#).
- [27] Reinecker, Fritz, "A Linguistic Key to the Greek New Testament", ed. trans. Cleon L. Rogers, Jr. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982, p. 567. [Retornar](#).
- [28] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 591. [Retornar](#).
- [29] Adaptado de Estudosdabiblia.net/2004321.htm, acessado em 12/2022. [Retornar](#).
- [30] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., "Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains", New York: United Bible Societies, 1989, p. 614. [Retornar](#).
- [31] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, pp. 248. [Retornar](#).
- [32] Harris, Murray J., "3 Crucial Questions about Jesus", Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994, p. 93. [Retornar](#).
- [33] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 304. [Retornar](#).
- [34] Harris, Murray J., "3 Crucial Questions about Jesus", Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994, p. 93. [Retornar](#).
- [35] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 306. [Retornar](#).
- [36] Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 213. [Retornar](#).

- [37] Erickson, Millard J., *"The Word Became Flesh"*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991, p. 461. [Retornar](#).
- [38] Harris, Murray J., *"3 Crucial Questions about Jesus"*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994, p. 95. [Retornar](#).
- [39] Harris, Murray J., *"3 Crucial Questions about Jesus"*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994, pp. 96-97. [Retornar](#).
- [40] Reymond, Robert L., *"Jesus, Divine Messiah"*, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 296. [Retornar](#).
- [41] Harris, Murray J., *"3 Crucial Questions about Jesus"*, Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1994, p. 66. [Retornar](#).
- [42] Reymond, Robert L., *"Jesus, Divine Messiah"*, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, pp. 249-250. [Retornar](#).
- [43] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., *"Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains"*, New York: United Bible Societies, 1989, p. 597. [Retornar](#).
- [44] Vincent, Marvin R., *"Word Studies in the New Testament"*, Vol. III., Mclean, VA: MacDonald Publishing Co, p. 487. [Retornar](#).
- [45] Louw, Johannes P & Nida, Eugene A., *"Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains"*, New York: United Bible Societies, 1989, p. 140. [Retornar](#).
- [46] Reinecker, Fritz, *"A Linguistic Key to the Greek New Testament"*, ed. trans. Cleon L. Rogers, Jr. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982, p. 573. [Retornar](#).
- [47] Reymond, Robert L., *"Jesus, Divine Messiah"*, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 251. [Retornar](#).
- [48] Reymond, Robert L., *"Jesus, Divine Messiah"*, Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 252. [Retornar](#).
- [49] Martin, R. P., *"The Epistle of Paul to the Philippians"*, Tyndale New Testament Commentaries, Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1981, p. 106. [Retornar](#).
- [50] Barclay, William, *"The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians"* – Rev. ed. Louisville: Westminster Press, 1975, p. 31. [Retornar](#).
- [51] Barclay, William, *"The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians"* – Rev. ed. Louisville: Westminster Press, 1975, pp. 34-35. [Retornar](#).
- [52] Barclay, William, *"The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians"* – Rev. ed. Louisville: Westminster Press, 1975, p. 35. [Retornar](#).
- [53] Martin, R. P., *"The Epistle of Paul to the Philippians"*, Tyndale New Testament Commentaries, Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1981, p. 96. [Retornar](#).
- [54] Muller, Jac. J. *"The Epistle of Paul to the Philippians"*, *The New International Commentary on the New Testament*, Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1991, pp. 78-79. [Retornar](#).
- [55] Warfield, Benjamin B., *"The Person and Work of Christ"*, The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1950, p. 567. [Retornar](#).
- [56] Barclay, William, *"The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians"* – Rev. ed. Louisville: Westminster Press, 1975, p. 36. [Retornar](#).

- [57] *Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 262.* [Retornar.](#)
- [58] *Reymond, Robert L., "Jesus, Divine Messiah", Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co. 1990, p. 263.* [Retornar.](#)
- [59] Adaptado de *Y-jesus.com/wvrj/7-jesus-relevant-today*, acessado em 05/2017. [Retornar.](#)
- [60] *O: The Oprah Magazine, "Oprah talks to Madonna", January, 2004, p. 120.* [Retornar.](#)
- [61] Citado em *McDowell, Josh, "The Resurrection Factor", San Bernardino, CA: Here's Life Publ., 1981, p. 1.* [Retornar.](#)
- [62] Citado em *Bright, William R., "Jesus and the Intellectual", San Bernardino, CA: Here's Life Publ., 1968, p. 33.* [Retornar.](#)
- [63] Citado em *Warren, Rick, "The Purpose Driven Life", Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002, p. 17.* [Retornar.](#)
- [64] Citado em *Assayas, Michka, "Bono in Conversation", New York: Riverhead Books, 2005, p. 203.* [Retornar.](#)
- [65] *Kierkegaard, Søren, "Philosophical Fragments", tradução de Hong, Howard V. & Hong, Edna H., Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985, p. 26-28.* [Retornar.](#)
- [66] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 160.* [Retornar.](#)
- [67] *Stedman, Ray C., "God's Loving Word", Grand Rapids, MI: Discovery House, 1993, p. 50.* [Retornar.](#)
- [68] Citado em *Assayas, Michka, "Bono in Conversation", New York: Riverhead Books, 2005, p. 204.* [Retornar.](#)
- [69] *Sproul, R. C., "Reason to Believe", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1982, p. 44.* [Retornar.](#)
- [70] Citado em *Assayas, Michka, "Bono in Conversation", New York: Riverhead Books, 2005, p. 204.* [Retornar.](#)
- [71] *Zacharias, Ravi, "Jesus among Other Gods", Nashville: Word, 2000, p. 158.* [Retornar.](#)
- [72] *Moore, Martha T. & Cauchon, Dennis, "Delay Meant Death on 9/11", USA Today, Sept. 3, 2002, 1A.* [Retornar.](#)
- [73] *Colson, Charles W., "Born Again", Old Tappan, NJ: Chosen, 1976, p. 114.* [Retornar.](#)
- [74] *Zacharias, Ravi, "A Shattered Visage: The Real Face of Atheism", Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 155.* [Retornar.](#)
- [75] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 160.* [Retornar.](#)
- [76] *Colson, Charles W., "Born Again", Old Tappan, NJ: Chosen, 1976, p. 114.* [Retornar.](#)
- [77] *Colson, Charles W., "Born Again", Old Tappan, NJ: Chosen, 1976, p. 114.* [Retornar.](#)
- [78] Adaptado de *Y-jesus.com/more/jcb-jesus-coming-back*, acessado em 05/2017. [Retornar.](#)
- [79] *Russell, Bertrand, "Why I Am Not a Christian", New York: Touchstone, 1957, p. 16.* [Retornar.](#)
- [80] Citado em *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands A Verdict", Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999, p. 12.* [Retornar.](#)
- [81] *Stoner, Peter, "Science Speaks", Chicago: Moody Press, 1958, p. 97-110.* [Retornar.](#)
- [82] Citado em *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands A Verdict", Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999, p. 209.* [Retornar.](#)

[83] Steinfels, Peter, "Jesus Died – And Then What Happened?", *New York Times*, April 3, 1988. [Retornar](#).

[84] Adaptado de Estudosdabiblia.net/2004321.htm, acessado em 12/2022. [Retornar](#).

[85] Lewis, C. S., "Mere Christianity", *New York: MacMillan Publishing Co.*, 1960, pp. 55-56. [Retornar](#).